

RACIONALISMO CRISTÃO

RACIONALISMO CRISTÃO

44ª Edição



Rio de Janeiro

2010

© Racionalismo Cristão, 1914

Racionalismo Cristão. – 44.ed. – Rio de Janeiro: Racionalismo Cristão, 2010.

151 p.

Espiritualismo: Filosofia

ISBN 85-89130-02-9

CDD – 133.9

CDU – 141.35

A Diretoria de Ação Doutrinária da Casa-Chefe do Racionalismo Cristão coordenou os trabalhos de revisão desta edição.

Os endereços das casas racionalistas cristãs podem ser obtidos pelo telefone 0xx212117-2100 (ligações do Brasil) e 55212117-2100 (ligações de outros países), e no site do Racionalismo Cristão na internet.

Endereço para correspondência:

Casa-Chefe do Racionalismo Cristão
Rua Jorge Rudge, 119 – Vila Isabel
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
CEP 20550-220
casachefe@racionalismocristao.org
Site: racionalismocristao.org



Casa-Chefe do Racionalismo Cristão, Rio de Janeiro – Brasil

SUMÁRIO

Ao leitor	9
Traços gerais	13
Capítulo 1 – Evolução	19
Capítulo 2 – Força e Matéria	25
Capítulo 3 – Espaço	32
Capítulo 4 – Espírito	42
Capítulo 5 – Pensamento	50
Capítulo 6 – Livre-arbítrio	57
Capítulo 7 – Aura	63
Capítulo 8 – Encarnação do espírito	68
Capítulo 9 – Desencarnação do espírito	84
Capítulo 10 – Mediunidade e médiuns – Fenômenos físicos e psíquicos	96
Capítulo 11 – Obsessão	108
Capítulo 12 – Desobsessão	119
Capítulo 13 – Valor	123
Capítulo 14 - Caráter	129
Capítulo 15 – Família e educação de filhos	134
Síntese dos princípios racionalistas cristãos	143
Conclusão	145
Livros editados pelo Racionalismo Cristão	147

A finalidade deste livro é esclarecer as pessoas, de forma concisa e simples, sobre o significado da vida de um ponto de vista espiritualista, explanando princípios, através dos quais possam elas formar uma concepção coerente do Universo e com ele se identificar na contextura de um processo evolucionário.

Desde tempos remotos, o ser humano se questiona sobre os mistérios da vida: quer saber de onde proveio e qual será o seu futuro; saber o que acontece, se é que acontece alguma coisa, depois da morte do corpo ou qual é a finalidade da vida. São interrogações que têm permanecido ao longo do tempo.

O anseio de compreender o aparentemente obscuro mundo do transcendente levou a humanidade à criação de mitos e fantasias. Um mito é, de certa forma, uma expressão dissimulada, condensada e simbólica de uma verdade mais complexa e ainda parcialmente oculta. No seio dos fenômenos ditos espíritas foram gerados os primeiros mitos, relacionados ao problema da existência. Com base neles se determinava o que deveria ser habitualmente aceito e o que não era permitido admitir acerca do Universo.

Assim foi durante muito tempo, até florescer a ideia de se testar as teorias através do experimento.

O método experimental, base da ciência moderna, contribuiu para derrubar mitos e tabus e criou um fosso entre a ciência e as concepções de natureza espiritual. Na atualidade, entretanto, a própria postura científica começa a despojar de validade essa divisão. Forma-se uma onda de interesse a respeito de métodos considerados não ortodoxos de investigação. É que se constatam similaridades entre a teoria física atual, apoiada no método experimental, e alguns conceitos metafísicos, originados em pesquisas, baseadas em capacidades perceptivas que ultrapassam as possibilidades dos cinco sentidos e de suas extensões instrumentais.

Com a construção de instrumentos cada vez mais precisos e potentes, os pesquisadores passaram a se defrontar, com frequência, principalmente no estudo do microcosmo, com leis e fatos desconcertantes que contribuiriam para desmontar a concepção mecanicista do Universo que imperava até pouco tempo.

Hoje, por exemplo, há uma noção científica assente de que, na análise dos fenômenos, o observador é visto como um participante cuja presença influencia o que está sendo observado. O mundo objetivo do tempo e do espaço cedeu terreno às determinações probabilísticas.

É nesse contexto, talvez prenúncio de uma mudança de paradigma na conceituação do método científico, que ressurgem e se renovam, de forma mais nítida, os estudos feitos no campo da espiritualidade. Nesse campo, os resultados escapam aos limites interpostos pela própria ciência. No entanto, não é pelo fato de, na investigação séria de um fenômeno, existirem evidências externas, resistentes ao crivo das experimentações repetidas, que se deve reduzir a importância das evidências internas relativas à essência do espírito como parcela de um todo do qual é inseparável e indistinguível.

A pesquisa no campo extrassensorial lida com o aspecto transcendente da vida. Por isso, e por ser vasta e profunda, apresenta dificuldades relacionadas à construção de uma síntese unificado-

ra. Algumas vezes, seus resultados se perdem em digressões de natureza intelectual e, em muitas outras, se esvaem em considerações místicas e fantasiosas.

Observando essa situação, Luiz de Mattos, humanista e conhecedor profundo da espiritualidade, codificou o Racionalismo Cristão, doutrina esclarecedora, para responder aos questionamentos mais íntimos sobre a existência e oferecer um guia seguro para o transitar provisório do espírito no planeta Terra. Formulou o postulado básico de que o Universo é constituído de Força e Matéria; delineou de maneira clara os princípios que devem reger a vida neste mundo-escola; e estabeleceu, firmado no estudo, estratégias e critérios para um viver consciente, equilibrado e harmônico.

Sem ufanismo e dentro da realidade fenomênica em que se desdobra o processo evolutivo, o mestre contemplou os aspectos teóricos da espiritualidade, sem se descuidar das implicações decorrentes desse saber, na vida prática.

O Racionalismo Cristão foi codificado por Luiz de Mattos entre 1910, ano de fundação da Doutrina, e 1914, quando publicou a primeira edição do livro então intitulado *Espiritismo Racional e Científico (cristão)*. No período compreendido entre 1915 e 1926, ano do seu falecimento, foram publicadas mais três edições. A denominação original permaneceu até a décima quarta impressão, em 1940. A partir da décima quinta, em 1942, a obra passou a ter o título atual.

O lançamento da 44ª edição do livro *Racionalismo Cristão* representa marco significativo no centenário da Doutrina. O conteúdo filosófico é apresentado em quinze capítulos, dispostos num ordenamento que possibilita ao leitor desenvolver uma linha de raciocínio que o leve a conclusões próprias.

O Editor
janeiro de 2010

TRAÇOS GERAIS

O Racionalismo Cristão é uma filosofia espiritualista que trata da evolução do espírito. Explica, através da razão e do raciocínio, o que somos e o que fazemos neste planeta-escola, que é a Terra.

Racionalismo Cristão expressa a conjugação de dois conceitos norteadores que exprimem todo o conteúdo filosófico da Doutrina. O primeiro – RACIONALISMO – está ligado ao procedimento dentro do raciocínio, da lógica e da razão. Temos de buscar a razão através da ação do raciocínio ou do pensamento bem orientado. O raciocínio, trabalhado com profundidade e apuro, é esclarecedor, quando elevado, e seu uso criteriosamente esmerado é prática que conduz a conclusões acertadas sobre a vida. Racionar com consciência é promover bases sólidas para alcançar as convicções verdadeiras, é desvendar, é encontrar o que se procura no emaranhado das ideias.

O segundo conceito – CRISTÃO – associado a RACIONALISMO, completa o sentido revelador da Doutrina: um código de conduta que reúne princípios espiritualistas e preceitos do cristianismo. Quando dizemos código de conduta, referimo-nos ao procedimento da pessoa perante a coletividade e a si mesma. Ser racionalista cristão é viver a vida terrena sob normas espiritualistas do mais alto padrão. É saber preparar o espírito para a vida presente e futura como ser esclarecido, consciente do seu estado e das suas condições espirituais.

Nos princípios racionalistas cristãos consolidam-se conceitos e orientações de comportamento íntegro para as pessoas que o queiram seguir. O conhecimento da vida real é um processo contínuo de estudo. Por isso, o Racionalismo Cristão faz um apelo eloquente e constante ao estudo e ao raciocínio, no sentido de que a humanidade compreenda a necessidade imperiosa de se entregar a perseverante esforço, para se tornar cada vez melhor.

Este livro, dentro de sua natural simplicidade, é bem profundo e deve ser visto pelo leitor como um alicerce de conhecimentos espiritualistas, cujo vigamento é forçoso erguer por esforço próprio. Trata-se de trabalho sério de pesquisa e elucidação para leitura e consulta, capaz de abrir novos horizontes, com a amplitude da visão panorâmica que coloca diante dos olhos perspectivas que poderão contribuir para imprimir nova orientação à vida, e fazer com que ela se modifique, a cada passo, para melhor, alcançando um sentido mais prático, mais amplo, mais objetivo, mais seguro e autêntico.

O Racionalismo Cristão é um conjunto de ensinamentos espiritualistas completo, porque transmite ao ser humano o conhecimento de si mesmo, sendo capaz de mostrar-lhe o que há de mais importante e fundamental – o próprio eu – remoto, presente e futuro, de que dependem a saúde, o bem-estar, a felicidade, e, com isso, um mundo menos agressivo, menos intolerante, mais justo e compreensivo.

Hoje, como no passado, os que estudam os problemas e os conflitos humanos sabem que a educação espiritual poderá fazer de cada pessoa um ser pacífico e honrado. Para isso, entretanto, há necessidade de apagar do senso comum o irrealismo em que vivem muitas delas. É indispensável que se desfaçam das ideias e dos ensinamentos inexatos sobre a existência, que tanta confusão têm produzido naquelas que buscam o entendimento dos fatos transcendentais da vida.

É triste que isso ainda aconteça, uma vez que de posse de tão úteis e necessários, de tão valiosos e imprescindíveis conhecimentos, não andaria o ser humano, há muito tempo, a querer proteção e amparo de entes divinais, porque teria aprendido a confiar em si próprio e a buscar amparo e proteção no poder imenso e invencível da sua força de vontade e dos seus bons pensamentos.

Não pense o leitor que o Racionalismo Cristão faz, com a publicação deste livro, alguma revelação inédita. Desde a Antiguidade até a era em que vivemos, o espiritualismo é objeto de estudos de filósofos, de pesquisadores, de intelectuais, inclusive de mulheres e homens da ciência desejosos de colocar a humanidade a par do que há a respeito da vida espiritual, como o médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, autor do livro intitulado *Ciência espírita*, um ensaio médico-filosófico que contribuiu, dentre outros estudos de várias escolas filosóficas, na codificação do Racionalismo Cristão.

Nessa codificação de princípios, o Racionalismo Cristão afirma ser o Universo composto de Força e Matéria. A Força – que incita e movimenta todos os corpos (Matéria) – é o princípio inteligente que interpenetra todo o Universo. Esse princípio inteligente é compreendido pela maioria das pessoas como Deus, que o Racionalismo Cristão prefere denominar Força Criadora, Grande Foco ou Inteligência Universal, da qual somos uma partícula que contém os mesmos atributos em forma latente, para serem desenvolvidos e aperfeiçoados nas inúmeras existências por que passamos na Terra.

A Força Criadora mantém o Universo regido por leis naturais e imutáveis, às quais estão sujeitos todos os seres, não admitindo assim o Racionalismo Cristão provações, predestinações nem milagres. A doutrina racionalista cristã ensina que todos os atos de nossa vida decorrem do emprego do livre-arbítrio, faculdade espiritual controlada pelo pensamento, pelo raciocínio e pela

vontade. Por isso, conforme pensarmos assim seremos; o que de mal desejarmos ao próximo a nós mesmos estaremos a desejar; e o que de bem fizermos, em nosso benefício redundará, pois seremos aquilo que quisermos ser. Ensina, pois, a não se cultivar sentimentos de ódio, de inveja ou de malquerença.

Tão logo principia a raciocinar, nas primeiras fases da evolução, o ser humano sente, mesmo que de maneira vaga e confusa, a existência da Inteligência Universal, que não é capaz de definir. Nasce, daí, a sua inclinação adorativa, que as condições do despreparo espiritual em que vive plenamente justificam. Compreende-se então, perfeitamente, que determinada sociedade não tenha uma concepção da espiritualidade que vá além do culto aos elementos da natureza, por lhe faltarem bases de entendimento para demovê-la da perplexidade adoratória a que se entrega.

Ao observador atento não é difícil avaliar o grau de espiritualidade dos seres pela tendência que manifestam para a adoração, assim como a maior ou menor intensidade dessa tendência. O modo de adorar e o que é adorado variam, à medida que a consciência da vida vai despertando, até chegar ao ponto de poder afastar de si o sentimento da adoração.

Os que hoje veneram coisas abstratas, após atingir o necessário esclarecimento espiritual, acharão tão descabida essa veneração quanto ingênua agora entendem ser a ideia, que também já alimentaram, de reverenciar elementos da natureza.

Não é preciso possuir muita imaginação para compreender o que essas incoerências representam no delicado período de formação da personalidade e do caráter de uma pessoa, e de como elas contribuem na fase adulta para embotar-lhe o raciocínio e dificultar a sua expansão no amplo terreno da espiritualidade.

No conhecimento da vida no seu aspecto mais amplo estão os lúcidos elementos de convicção, por meio dos quais as pessoas poderão libertar-se das concepções que as trazem presas aos milagres, aos mistérios, ao sobrenatural. Quando chegarem a

compreender que são, como espíritos, força, inteligência e poder; quando se convencerem de que possuem atributos morais para vencerem, racionalmente, quaisquer dificuldades; quando adquirirem a consciência da sua condição de partículas de um todo harmônico – dele inseparável – que é o próprio Universo, cairão por terra as concepções iniciais de proteção.

Não há seres privilegiados nem proteções. Todos, sem exceção, estão sujeitos aos mesmos princípios, às mesmas regras, ao mesmo processo evolutivo. Invariavelmente, fazem igual curso e percorrem igual ciclo, no que há um alto e meritório princípio de justiça. Precisam se convencer de que não poderão contar com o auxílio de ninguém para libertar-se das consequências dos erros que cometerem e que terão de resgatar com ações elevadas, qualquer que seja o número de existências para isso necessárias. Por certo pensarão mais detidamente, antes de praticar um ato impróprio.

O que interessa então ressaltar é o modo pelo qual a pessoa processa sua marcha evolutiva, em que conquista, passo a passo, a independência espiritual. A que souber avaliar o peso da responsabilidade que carrega com seus atos certamente fará todo o possível para firmar-se nos ensinamentos reais que transmitem o conhecimento dos fatos espirituais. O Racionalismo Cristão, sem outro interesse que não seja o de despertar a humanidade para a realidade da vida, propõe-se a lhe revelar os esclarecimentos de que necessita para alcançar uma condição espiritual mais clara que facilite o seu viver.

Os estudiosos do Racionalismo Cristão aprendem a confiar em si mesmos, na sua capacidade espiritual e no poder da vontade para lutar e vencer. Não são, por isso, adoradores, nem pedinchões, nem lamuriosos. Sabem que são grandes os obstáculos que surgem, a cada passo, no caminho da vida, mas que os poderão vencer com os próprios recursos morais de que dispõem.

Assim, faz-se necessário que cada um cumpra o seu dever, realizando a parte que lhe compete, com a atenção, os olhos, a alma voltados para o fim principal da existência, que é a evolução espiritual.

Chegando a este ponto, o leitor deve estar interessado em saber o que aconselha a escola filosófica que é o Racionalismo Cristão. Seu interesse vai ser amplamente atendido nas páginas que se seguem, em que verá os problemas da vida equacionados, numa linguagem franca, simples e objetiva. Sentirá, através da leitura de cada capítulo, o calor da mensagem que a Doutrina dirige à humanidade, com o que espera contribuir para que a paz entre os seres humanos se estabeleça e o mundo se torne fraterno e melhor.

Capítulo 1

Evolução

O princípio fundamental da vida no Universo é a evolução. Nela reside a base do entendimento de tudo quanto se passa dentro e fora do alcance visual humano. Não há explicação lógica nem racional para a existência se a evolução não é devidamente considerada. A evolução estará sempre presente, sempre viva, sempre atuante em todas as manifestações da vida, desde quando esta começa a despontar.

A evolução faz-se sentir em tudo na Terra: na semente que brota para transformar-se numa flor; na árvore que se agiganta e frutifica na trajetória de um ciclo; no ser que se aprimora frequentando a escola; no desenvolvimento das artes, das letras, das ciências, das atividades sociais e produtivas.

O ser humano surgiu neste mundo como resultado da ação construtiva do princípio inteligente nos diversos domínios da natureza. Essa marcha evolutiva prossegue sem qualquer interrupção ou alteração, apesar do adiantamento atual do planeta. Apenas os espíritos que agora iniciam o seu progresso em corpo humano encontram na época presente condições mais favoráveis ao desenvolvimento mental.

Uma coisa, porém, é certa: a evolução tem que ser operada, a qualquer custo. Assim o impõem as leis naturais e imutáveis

que regem o Universo. E essas leis evolutivas são indiferentes à pretensão dos que pensam poder iludi-las ou as anular.

A sucessão das existências ou multiplicidade de vidas corpóreas de uma individualidade consciente, o espírito, denominada reencarnação, é condição essencial ao seu progresso. Deve, por isso, a pessoa imprimir uma superior orientação à vida, para encurtar o processo de sua evolução, esforçando-se por ser operosa e progressista, tendo sempre a atenção voltada para o aprimoramento da própria personalidade.

A história da humanidade está assinalada por inumeráveis marcos indicativos da sua longa, da sua imensa trajetória evolutiva. E, porque é impossível percorrer todo esse extenso caminho numa só existência física, muitos se negam a admitir a evolução, para não serem forçados a reconhecer a reencarnação como o elemento pelo qual ela se processa. Bastaria que refletissem, para compreenderem que nenhuma oposição séria pode ser feita às leis evolutivas. Sem elas todas as pessoas permaneceriam no mesmo grau de inteligência, adiantamento e espiritualidade.

A ideia de evolução, aplicada ao vasto domínio da espiritualidade, coordena e amplia nossa concepção do Universo, dando significado aos mais diversos fenômenos da vida.

Ao iniciar-se o processo evolutivo, cada partícula da Inteligência Universal conta com as mesmas possibilidades, os mesmos recursos, encontra-se em idênticas condições e possui iguais valores latentes. Por isso, se desenvolve na mesma proporção até alcançar a condição de espírito, quando passa, de posse de um corpo humano, a dispor do livre-arbítrio para conduzir-se por sua conta e risco. O mau uso do livre-arbítrio retarda a evolução espiritual. Logo, as pessoas que usarem melhor o livre-arbítrio – é evidente – conseguirão evoluir mais do que outras menos cuidadosas, no mesmo número de reencarnações.

O observador que quiser enxergar tem diante dos olhos o quadro da evolução do espírito na vida terrena. Não existem dois

indivíduos iguais, embora os haja semelhantes. Cada um está promovendo o seu progresso a seu modo e à sua custa, de acordo com o procedimento que tem adotado no transcurso das existências passadas, num período de milhares de anos.

Aí está uma das razões que explicam a grande heterogeneidade de mentalidades, disparidade de sentimentos e divergências de conceitos que se observam no meio do povo. É que o número de existências vividas varia de indivíduo para indivíduo, como varia também o aproveitamento que cada um obteve, bem como o esforço despendido. Pode haver quem tenha perdido duzentas vidas à Terra em consequência de vidas e mais vidas desregadas, e quem, em igual período, tenha perdido, apenas, vinte. Este, sem dúvida, está muito mais evoluído do que aquele. A evolução espiritual é, portanto, resultado de esforço, de vontade, de aspirações de progredir.

Todavia, qualquer pessoa está sujeita às contingências da vida terrena, algumas das quais escapam inteiramente à sua vontade, como as epidemias, as calamidades públicas, os cataclismos geológicos. Daí a necessidade de ser encarado com simpatia e elevação de sentimentos o semelhante que se ache em situação desfavorável em qualquer região do planeta, pois toda a humanidade constitui uma única família a habitar, passageiramente, este mundo, para realizar o seu progresso espiritual. Humanização deve ser o lema comum, e cooperação e confraternização representam os elementos capazes de destruir a animosidade entre as pessoas.

Por mais agitadas que sejam as conturbações terrenas, cumpre ao ser humano pensar com elevação e proceder com benevolência. Na escola, não se pode recriminar o aluno do primeiro ano por não saber tanto quanto o do quinto. De igual forma, os que evoluem neste mundo-escola, a Terra, por pertencerem à mais variada graduação espiritual, agem sob um estado correspondente ao seu grau de evolução e não vão além das suas possibilidades.

Enganam-se, então, os que se julgam perfeitos em matéria de espiritualidade. De nada lhes valerá fechar os olhos à realidade espiritual, porque à custa de novas experiências, de prolongadas meditações, de estudo, de trabalho, de sofrimentos derivados das lutas que todos empreendem na Terra terão de conquistar os graus de espiritualidade que lhes faltarem para alcançar o conhecimento dessa realidade, com a força de convicção resultante da evidência dos fatos.

Espiritualidade e intelectualidade são atributos diferentes que a pessoa aprimora independentemente, podendo avançar mais no desenvolvimento de um ou do outro, no curso de cada existência. Indispensáveis, ambos, à evolução do espírito, terão de ser alcançados com esforço e determinação. O desenvolvimento espiritual obedece, como o intelectual, a uma complexidade de aptidões, de conhecimentos, de experiências que o espírito obtém cumprindo fases de um processo evolutivo, no qual se incluem as múltiplas encarnações em diferentes lugares.

Todos sabem que os povos diferem uns dos outros. Essa diferença é mais acentuada, ainda, de país para país, onde se verificam hábitos, costumes, tendências, gostos, inclinações e temperamentos muito desiguais.

Em cada um desses aglomerados humanos, o espírito conta com determinadas condições para desenvolver faculdades que sente estarem atrasadas, se colocadas em confronto com o desenvolvimento já adquirido de outras. Nenhuma pessoa possui somente defeitos ou qualidades. Ambos são características que fazem parte da sua personalidade moral. A luta que ela empreende tem por fim reduzir as imperfeições e aumentar as virtudes, desde quando começa a despertar para o lado evolutivo da vida. Assim como uma soma de indivíduos representa um povo, a sua formação moral indica o resultado parcelado das qualidades e dos defeitos desse mesmo agrupamento social. Por assim ser é que cada um dá a sua maior ou menor contri-

buição para a variação do nível moral do povo em cujo meio deliberou evoluir.

Portanto, quem faz evoluir o planeta são os seus habitantes. Nos primórdios da civilização, eles possuíam um grau de evolução muito abaixo do atual. A compreensão e o conhecimento das coisas são frutos da evolução do espírito, e parcela da humanidade já considera a vida sob um aspecto que se aproxima, cada vez mais, da espiritualidade.

É lamentável que o ser humano transforme a larga estrada da evolução espiritual num estreito, áspero e sinuoso caminho repleto de obstáculos difíceis de transpor. Terá de compreender, cedo ou tarde, que a humanidade caminha na mesma direção e para alcançar idêntico fim – o aperfeiçoamento espiritual –, só atingível pelo esforço próprio bem orientado, pelo trabalho individual disciplinado e pela conquista do saber à custa de atividade intensa e permanente.

Assim sendo, precisa o leitor conscientizar-se de si mesmo, e em si mesmo aprender a confiar, certo de serem imensos os recursos que possui para levar a bom termo cada existência física. Com esse pensamento ficará sincronizado com a corrente da evolução, por onde fará sua ascensão espiritual, sem grandes tropeços e sem maiores sacrifícios.

Capítulo 2

Força e Matéria

Muitas tentativas têm sido feitas por diversas escolas filosóficas para explicar o que são Força e Matéria na sua concepção genérica. Essas explicações, de modo geral inconvincentes e insatisfatórias, contribuíram, em muitos casos, para aumentar a confusão e a dúvida existentes no ser humano a respeito da vida no seu aspecto mais profundo.

Entretanto, Força e Matéria constituem tema que pode ser compreendido sem grandes reflexões teóricas, pelos princípios racionalistas cristãos.

Afirma o Racionalismo Cristão que o Universo é composto de Força e Matéria. A Força é o princípio inteligente, imaterial, ativo e transformador. A Matéria é o elemento passivo e amoldável. Na doutrina racionalista cristã, o princípio inteligente é também designado frequentemente por Força Criadora, Grande Foco ou Inteligência Universal.

No binômio Força e Matéria se resume e se explica a vida em seu aspecto amplo. A apuração do seu conhecimento reduz os erros em que tantos incidem.

E o que é a vida senão a ação permanente da Força sobre a Matéria?

A Matéria é campo de manifestação da Força. A análise de informações obtidas por pessoas dotadas de alta percepção sensorial, mais conhecida por mediunidade, indica que existem várias categorias de matéria, com estados variados de densidade. Essas categorias caracterizam campos de energia, com funções específicas relacionadas ao processo evolutivo. Os tipos de matéria mais diáfanos do que o da matéria física recebem a denominação de matéria fluídica.

As densidades, aqui mencionadas, se referem a graus de sutileza que definem, entre os campos, condições mais distintivas do que as que existem entre os conhecidos estados sólido, líquido e gasoso da matéria física.

Os diferentes campos de manifestação da Força são também designados por planos, mundos ou dimensões espirituais. E os campos de natureza fluídica são denominados com frequência de planos astrais.

A Força em ação nos diversos campos se autolimita, no que diz respeito à manifestação de atributos. Quanto mais densos os campos, mais acentuadas as limitações da consciência. Por essa razão se patenteiam relatividades no entendimento dos fenômenos vitais. Considerações, por exemplo, sobre tempo e espaço estão relacionadas às peculiaridades dos campos. As condições do Universo, no entanto, permanecem as mesmas. O que muda é a capacidade de percepção e, pela interpenetração dos campos, é possível, dentro de certos limites, expandir a consciência para perceber a natureza das ocorrências em diferentes dimensões da espiritualidade.

Não se deve confundir os campos de energia com a Força, pois matéria e energia são intercambiáveis. As diferentes formas de energia estão em transformação constante, em constante desagregação, indo cada categoria para o estado que lhe é próprio, dele desagregado pela Força Criadora com o fim de compor corpos e correntes precisas na dimensão física e fora dela.

A Força mantém o Universo regido por leis naturais e imutáveis. Naturais, por decorrerem de uma sequência lógica no processo da evolução, e imutáveis, por serem absolutas, amplas, livres de qualquer dependência ou sujeição. Nesse sentido, não há lugar para o imprevisto, para o acaso ou a dúvida, tudo está encadeado e tem sua razão de ser.

No tocante ao espírito, a evolução se processa através de incontáveis existências terrenas em corpo humano, e só por meio delas o raciocínio desenvolve-se no amplo caminho da espiritualidade, sob cuja luz o misticismo perde a forma, o sentido, a significação, para dar lugar somente ao que o bom senso e a lógica admitem como verdadeiro, com fundamento nas lições aprendidas durante a vida.

Fora do campo da espiritualidade, que é imenso e inesgotável, jamais poderá alguém encontrar solução para os problemas existenciais. A definição de Força e Matéria situa-se, pois, dentro da lógica dos fenômenos psíquicos amplamente divulgados pelo Racionalismo Cristão.

Os princípios reunidos neste livro encerram a parcela de ensinamentos sobre a vida espiritual que está ao alcance da compreensão humana, desde que o leitor se interesse, realmente, pelo seu estudo, sem se deixar influenciar por preconceitos e intolerâncias de qualquer natureza.

As responsabilidades e os deveres do ser humano, que ele precisa compreender bem para convencer-se de que toda vez que infringir as leis naturais, retarda, inapelavelmente, a marcha da sua evolução, estão dentro desses princípios.

Quanto mais segura, mais nítida e realística a compreensão da ação do espírito sobre o corpo físico, vale dizer, da Força sobre a Matéria, mais depressa o entendimento do sentido espiritual revelará ao estudioso as funções vitais da natureza universal.

Assim sendo, sem conhecer o processo do seu próprio desenvolvimento espiritual, sem se conhecer a si mesma na sua

composição astral e física, não pode a pessoa conduzir-se com o necessário aproveitamento, daí resultando ter de submeter-se, em obediência às leis naturais que regem o Universo, ainda que por livre vontade e em duras experiências, a uma multiplicidade de existências cujo número seria, de outro modo, grandemente reduzido.

O mundo físico à nossa volta revela, entre seus diversos componentes, grande quantidade de interações e influências. A ciência, na tarefa de identificar as leis que regem essas interações e entender a lógica a elas subjacente, tem procurado congregá-las num só princípio que as unifique e as sintetize. O Racionalismo Cristão, por outro lado, transpondo os limites das considerações estritamente materiais, explica-nos que tudo, em última análise, é consequência de um processo evolutivo cuja tessitura é obra da Inteligência Universal.

Tanto na constituição dos sistemas estelares quanto na estruturação das partículas atômicas, a Força Criadora age segundo uma linha de ação construtiva em que, gradativamente, vão-se acentuando as vibrações da vida e se intensificando as manifestações de inteligência.

A ciência química, em suas constantes investigações, classificou mais de uma centena de elementos básicos da matéria organizada, dando à partícula fundamental desses elementos o nome de átomo.

No átomo, a partícula da Força apenas se torna perceptível por sua expressão vibratória. Já nos micro-organismos, além daquela vibração, revela ação intencional de movimento.

As partículas da Força evoluem, então, através de transformações sucessivas da matéria organizada, dando-lhes formas cada vez mais complexas.

Logo, a Força, agindo em obediência às leis evolutivas, utiliza-se da Matéria no estado primário desta, e, com ela, forma estruturas e realiza fenômenos incontáveis e indescritíveis que

escapam à apreciação comum, considerados os limitados recursos deste planeta.

No Universo há, por conseguinte, somente transformações da Matéria e evolução da Força. As inumeráveis estruturas compostas em combinações múltiplas de partículas da matéria organizada nada mais exprimem do que essas transformações. Composição e decomposição, agregação e desagregação de estruturas são o resultado da ação mecânica da vida.

Assim, de mudança em mudança de um corpo para outro mais adequado, vai evoluindo a partícula da Força Criadora, até atingir condições que lhe permitam, já como espírito, evoluir em corpo humano, em situação de exercer a faculdade do livre-arbítrio e assumir as responsabilidades inerentes a essa faculdade.

Como espírito, encarna inumeráveis vezes, adquirindo sempre mais conhecimentos, mais experiência, maior capacidade de raciocínio, mais clara concepção da vida, mais inteligência.

O espírito faz a sua trajetória neste planeta em condições apropriadas ao seu estado de adiantamento, passando em cada reencarnação a vivenciar situações que lhe proporcionem maior progresso, até terminar a parte da evolução inerente a este mundo.

Portanto, a Matéria não evolui nem possui atributos. Esses são exclusivos da Força, e se exteriorizam nos diversos domínios da natureza.

Os atributos que os seres humanos demonstram constituem, apenas, reduzido número daqueles que podem revelar espíritos mais esclarecidos que, em virtude do maior grau de evolução, já não precisam voltar a este planeta.

A pessoa que quiser demorar-se na investigação deste importante tema encontrará campo aberto para desdobrar o raciocínio e fortalecer suas convicções, e concluir que, no universo fenomênico em que vivemos, esses dois princípios, Força e Matéria, estão na raiz de todos os fatos e questões existenciais.

É importante relembrar as limitações da linguagem para tratar do aspecto transcendente da vida. As expressões aqui empregadas são relativas, à falta de outras que melhor possam exprimir uma concepção de ordem absoluta.

Capítulo 3

Espaço

Por mais que o ser humano dê expansão aos seus conhecimentos, por mais que os analise e neles se aprofunde, não poderá penetrar em toda a extensão infinita do espaço. A mente, embora avance até certo ponto, fica sempre sem atingir a meta extrema, que se encontra sob o domínio de valores absolutos.

Antes de chegar a questões mais profundas sobre a natureza do Universo, o ser humano precisa adquirir os conhecimentos necessários à sua evolução na Terra, esforçando-se por aprender as inumeráveis lições que ainda não absorveu e que precedem, de muito, aquelas que envolvem as transcendentais concepções do espírito.

O que a respeito do espaço a inteligência humana já pode compreender vem sendo revelado pela ciência que enfeixa tais conhecimentos.

O sistema solar, do qual faz parte a Terra, compõe-se de reduzido número de planetas girando em torno do Sol.

O planeta Terra, que serve de escola de aperfeiçoamento para bilhões de espíritos em evolução, é, como incontável número de outros planetas, semelhante a uma partícula de pó, em relação ao espaço infinito. Pertence a modesto sistema solar de uma grande família estelar que se chama galáxia.

Galáxia é uma imensa família de sistemas solares que se contam aos bilhões. Nosso planeta faz parte de uma galáxia denominada Via Láctea, que tem a forma aproximada de uma lente biconvexa ou de um ovo frito.

É bom não perder de vista que existem galáxias incomparavelmente maiores, como também há sóis na galáxia a que pertence o pequeno planeta em que vivemos muitas vezes maiores do que o nosso Sol, apesar de ser este tão grande em relação à Terra que chega a conter bem mais de um milhão de vezes o seu volume.

Os planetas e os satélites não têm luz própria. Esta provém dos raios solares que neles resplandecem, como acontece com a Lua, cujo brilho resulta da luz solar refletida em sua parte iluminada.

As estrelas que brilham no firmamento são sóis e, portanto, centros de sistemas solares. Há sistemas solares menores do que o nosso, como também existem outros muito maiores. Alguns são bastante complexos, com vários sóis, e estes, de cores diferentes, produzem alterações de luz de diversas tonalidades, em combinações que se revezam com o pôr e o nascer de cada sol.

A luz emitida pelos corpos solares não pode ser confundida com a luz astral, que representa a Força, por ser ela de constituição inteiramente diversa. A escuridão da noite nada significa para o espírito, pois este enxerga através da luz astral, que penetra todos os corpos, até o mais ínfimo lugar no espaço. Dia e noite expressam períodos apenas relacionados com a vida material.

Vários são os movimentos da Terra no espaço. Entre eles se destacam o de rotação, em volta do seu próprio eixo; o de translação, em redor do Sol; um outro que é realizado com todo o sistema solar, em torno do eixo da galáxia; e o que resulta do deslocamento da própria galáxia. Todos esses movimentos são perfeitamente conjugados, em velocidades rigorosamente ajustadas.

A unidade de medida usada para avaliar as distâncias astronômicas é a extensão que a luz percorre no espaço em um ano, tomando-se por base a sua velocidade, que é de cerca de trezentos

mil quilômetros por segundo. Com essa altíssima velocidade, ela vai de um polo ao outro da Terra numa pequena fração de segundo. Já a distância do Sol à Terra é atravessada em oito minutos, aproximadamente. Para atravessar, porém, a galáxia do nosso sistema solar, de um extremo a outro mais afastado, leva milhares de anos.

A distância de uma galáxia a outra mais próxima é de tal magnitude que ultrapassa a capacidade de apreciação da maioria das pessoas. Apesar disso, uma galáxia, com seus bilhões de sistemas solares, não representa mais, em comparação com a extensão infinita do espaço, do que insignificante ilha no oceano ou, menos ainda, do que um ponto no Universo.

Essa relação de grandezas convida a meditar na magnificência do Universo e na modestíssima participação do nosso planeta na composição do Todo. Se a Terra é de composição modesta, de igual modo são os seus habitantes, modestos em inteligência, em saber, em nível de espiritualidade.

Se todos vivessem compenetrados dessa realidade, não haveria lugar para vaidades e tolas presunções que apenas refletem um estado próprio da Terra, pondo em evidência o desconhecimento espiritual de parte dos seus habitantes.

Para fazer-se ideia, ainda que imprecisa, de quantos bilhões vezes bilhões de espíritos estão em evolução em cada galáxia, basta levar em conta os bilhões de sistemas solares de cada uma e considerar que, em cada sistema solar, gira um bom número de planetas.

Se, neste mundo, que é dos menores, evoluem bilhões de espíritos, logicamente em outros planetas, em média proporcional, esse número não pode ser inferior.

A Inteligência Universal tem poder ilimitado, e dela emana o pensamento na sua expressão máxima. Nada existe no Universo sem razão de ser. Nenhuma criação foi obra do acaso, já que tudo obedeceu a uma determinação rigorosamente preestabelecida.

O sentido da criação, aqui empregado, indica transformação da Matéria pela ação da Força. A idealização de mundos como o nosso corresponde às exigências da evolução.

Assim, a cada existência em corpo humano, promove a partícula da Força Criadora, ou seja, o espírito, a sua evolução neste planeta até determinado limite. Daí por diante prossegue noutra meio, em que as condições psíquicas e físicas obedecem a sistematização diferente.

Não há qualquer exagero em se afirmar que uma única partícula é tão importante quanto o próprio Todo, porque este não poderia existir sem ela, nem ela sem ele.

A obra da natureza não contém erros nem imperfeições. Suas leis são imutáveis e os acontecimentos mais surpreendentes que possam ocorrer não passam de consequência lógica do desdobramento da própria vida, cheia de ações e reações, de causas e efeitos, sempre em busca do equilíbrio final.

Assim como os satélites, os planetas, os sistemas solares e as galáxias se movimentam dentro das leis naturais, também os espíritos agem e evoluem em fiel observância a um regime regulador de todas as funções.

O espaço está repleto de Força e Matéria. O equilíbrio das leis naturais se revela tanto no macro como no microcosmo, tanto no incomensuravelmente grande como no incomensuravelmente pequeno. A vida se estende ininterrupta, com a manifestação das mais variadas vibrações, mesmo fora do alcance visual do ser humano.

Para a Força todas as grandezas se confundem, porque está em toda parte e em qualquer tempo. Espaço e tempo, aliás, são duas relatividades que só interessam aos meios físicos.

À medida que evolui, vai o espírito, partícula da Força, se tornando conhecedor das coisas do espaço. Se, na Terra, tanto há que aprender, muito mais, ainda, no Universo, que a este oferece campo o espaço. O Universo, porém, representa a evolução em

marcha. As noções de espaço, Universo e evolução, consideradas pela ótica mais abrangente da espiritualidade, prendem-se umas às outras como elos de uma só corrente. Pesquisar o espaço é estudar o Universo e reconhecer a evolução.

Para a Inteligência Universal há, com respeito a espaço e tempo, somente uma espécie de presente eterno, ideia que ainda não pode ser bem compreendida neste mundo de tamanhas limitações.

Assim, por mais altas que sejam, as velocidades não passam de expressões relativas, igualmente subordinadas ao meio físico, pois, no campo espiritual, outros princípios, outras leis regem a vida.

Em sua essência primordial, apenas como Força, o espírito poderá fazer-se presente, instantaneamente, tanto num mundo como noutra, dentro do seu raio de ação espiritual, utilizando-se, tão somente, do campo imantado, afim da Força, componente do Todo.

Contemplando o Universo, em meditação sobre as incomensuráveis grandezas do infinito, a investigar o sentido criador da vida e o poder ilimitado da Inteligência Universal, o ser humano há de se conscientizar da imensa caminhada que terá de fazer na estrada da evolução, se não estiver demasiadamente dominado pelas emoções terrenas.

Os grandes espíritos que vieram a este mundo para auxiliar o progresso da humanidade fizeram-no movidos pela ação consciente do dever. Nunca para atender à vontade de quem quer que seja, e, muito menos, de um suposto ente protetor.

Na esfera espiritual não há pais nem filhos. O que existe, em verdade, é enorme comunhão de espíritos numa graduação evolutiva, em que todos, sem exceção, têm origem comum: a Força Criadora ou Inteligência Universal.

Nos mundos dispersos pelo espaço, encontram-se, usando-se de reduzidos números para facilitar a compreensão humana, milhões e milhões de espíritos em cada plano de evolução.

Aqui mesmo na Terra têm encarnado, embora raramente, espíritos de evolução superior ao meio, para auxiliar a humanidade a progredir, sendo que inúmeros outros, do mesmo grau de evolução, desenvolvem atividades espirituais em outras regiões do Universo.

Quanto mais adiantado o espírito tanto maior a vontade que sente de auxiliar a evoluir o semelhante. Daí a razão de submeter-se, voluntariamente, ao sacrifício de voltar a mundos da espécie deste, quando a vida, nos planos correspondentes ao seu adiantamento, embora sempre trabalhosa, decorre num ambiente de incomparável bem-estar comum a todos.

Negarem a espíritos superiores o mérito de terem conquistado a evolução espiritual à custa de grandes lutas, de muito trabalho, de sofrimentos em múltiplas existências, considerarem os altos atributos que possuem ao privilégio de suposta descendência ilustre ou divina é engano que cometem, além de desconhecimento da vida espiritual.

Quem demonstra maior valor: o líder que ascendeu ao posto com esforço e merecimento próprios, depois de vencer todas as etapas que o levaram à plenitude da experiência e do saber, ou o que foi colocado nessa posição com fundamento na hierarquia de antepassados?

Incontável número de pessoas classifica os espíritos de elevada sabedoria na segunda posição. Para essas, o valor de admiráveis e evoluídos espíritos está mais nas suas origens do que nos próprios méritos, quando, na verdade, devem exclusivamente a si mesmos tudo quanto adquiriram e continuam a adquirir para aumentar, mais ainda, seus valiosos atributos espirituais.

Os espíritos, no decorrer do processo evolutivo, se distribuem em mundos de escolaridade e mundos de estágio. Os primeiros são de natureza idêntica a do planeta Terra. A eles chegam espíritos de diferentes graus de desenvolvimento, que encarnam para promover entre si o intercâmbio de conhecimentos intelectuais, morais e espirituais.

A Terra é um mundo de escolaridade em que os espíritos promovem sua evolução em períodos que variam muito de espírito para espírito, mas que se elevam sempre a milhares de anos.

Os mundos de estágio são aqueles de onde partem as parcelas da Força Criadora para encetar ou dar continuidade ao processo evolutivo. É para eles que retornam os espíritos ao final de uma encarnação.

De acordo com o grau de desenvolvimento, os espíritos fazem sua evolução partindo dos seguintes mundos de estágio:

- Densos
- Opacos
- Intermédios
- Diáfanos
- Luz puríssima

Cada mundo de estágio se subdivide em classes e cada classe abriga espíritos do mesmo grau de desenvolvimento. Mundos e classes são aqui mencionados, tal a importância do assunto, para facilitar a compreensão do leitor e lhe dar um sistema de referência, nas considerações sobre o processo de desenvolvimento espiritual.

Os espíritos que fazem sua evolução neste planeta pertencem aos mundos densos, opacos e intermédios. Após atingirem os mundos diáfanos, só eventualmente um ou outro espírito retorna à Terra em corpo humano, não por exigência de sua evolução, mas para auxiliar a humanidade a levantar-se espiritualmente, numa bela e espontânea manifestação de abnegação e desprendimento. Milhões de outros, de igual categoria, se dedicam, principalmente por intermédio das casas racionalistas cristãs, a auxiliar, em forma astral, o progresso dos habitantes deste planeta.

Quando deixam a atmosfera fluídica da Terra, os espíritos retornam aos respectivos mundos de estágio, de onde ascendem, se houve apreciável crescimento espiritual, às classes a que fazem jus.

Para a ascensão de uma classe a outra seguinte não existem privilégios nem proteções. O princípio de justiça funda-se nas leis evolutivas. Todos têm de enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço.

O mau aproveitamento de uma existência resulta, inapelavelmente, na necessidade de repeti-la, tendo o espírito de passar pelas mesmas atribulações, até conseguir dominar os vícios e as fraquezas, e recuperar o tempo perdido.

Conforme se encontra explicado no Capítulo 9 deste livro, intitulado “Desencarnação do espírito”, quando o espírito está no mundo de estágio que lhe é próprio tem conhecimento do que se passa nos mundos de classes anteriores à sua, mas ignora o que ocorre nas posteriores. Constatando, porém, as enormes vantagens da ascensão a classes de maior evolução, fica sob incontida vontade de subir na escala evolutiva, a fim de alcançar novos conhecimentos e conquistar mais amplos atributos espirituais.

No mundo correspondente à sua classe, o espírito traça os planos para a nova existência em corpo humano que quer, intensamente, aproveitar ao máximo. Sua maior esperança é não perder tempo na Terra, não fracassar, não tornar inútil sua vinda ao planeta.

Os espíritos das primeiras classes encarnam sob orientação de outros mais evoluídos. Esses espíritos são como crianças que precisam de quem as acompanhe à escola.

Nos mundos de escolaridade como a Terra, as emoções fazem parte da vida cotidiana. Essas emoções são experimentadas, indistintamente, por todos os habitantes. Quando o espírito se torna superior às sensações da pobreza e da fortuna, que completam o quadro das referidas emoções, aí, sim, o sentido da vida espiritual começa a despertar.

Todos precisam tomar consciência de que, no concerto universal, participam de um processo de aprimoramento, com responsabilidades intransferíveis e, portanto, devem se esforçar para

dar conta de suas atribuições. Há um dever que a todos atinge igualmente: trabalhar para evoluir.

Milhões de pessoas que vivem neste planeta sentem-se apreensivas por falta de uma bússola norteadora, que é o esclarecimento espiritual. Caso não tivesse sido parcialmente desimantada a que trouxeram para a civilização espíritos altamente evoluídos, dentre eles Jesus, com seus magníficos ensinamentos, outros milhões de seres teriam, há muito, concluído sua evolução na Terra e estariam exercendo suas atividades noutras regiões do espaço.

O Racionalismo Cristão, através de seus ensinamentos espiritualistas, oferece à humanidade uma bússola norteadora para o conhecimento da realidade sobre a vida espiritual.

Capítulo 4

Espírito

O espírito é inteligência, é vida, é poder criador e realizador. Nele não há matéria em nenhuma de suas fases de desenvolvimento. É, portanto, imaterial. Partícula individualizada, assim se conserva em toda a trajetória que faz no processo da evolução.

O espírito é indivisível, eterno, e evolui para o aperfeiçoamento cada vez maior. Como partícula do Todo, é inseparável dele e subsiste a qualquer transformação, nada havendo que o possa destruir.

No Capítulo 2 deste livro, intitulado “Força e Matéria”, ficou evidenciada a evolução das partículas da Força, desde o seu estado primário até quando adquirem suficiente desenvolvimento para incitar e movimentar um corpo humano.

Dá-se à partícula da Força, desde que inicia o processo evolutivo em corpo humano, a denominação de espírito, denominação que mantém daí por diante em sua caminhada evolucionária.

No espaço infinito do Universo, em que a Inteligência Universal vibra, sem interrupção, acusando permanente ação consciente e constantes demonstrações de vida, o espírito se exprime por movimentos vibratórios em todas as atividades.

Os movimentos são irradiados de um núcleo de Força, que é o espírito, na imensidão de uma essência idêntica, que é o Todo,

assinalando o poder atrativo que faz com que atributos desse Todo converjam para o núcleo, desenvolvendo-o e dando-lhe maior potencialidade.

Os principais atributos do espírito, inerentes ao Todo, são:

- inteligência
- raciocínio
- vontade
- consciência de si mesmo
- domínio próprio
- equilíbrio mental
- lógica
- percepção
- sensibilidade
- capacidade de concepção
- caráter

Inteligência

A inteligência, como atributo mestre do espírito, orienta os demais, apurando-os e contribuindo para torná-los melhores e mais eficientes. Da inteligência dependem, pois, os outros atributos espirituais que se criam, expandem, crescem, ampliam e aprimoram, de acordo com a evolução do espírito.

A inteligência está na retaguarda do raciocínio, provendo-o dos meios necessários ao seu desdobramento. Ela dá alcance ao horizonte do espírito, é o instrumento capaz de clarear a mente do ser humano, proporcionando-lhe maior discernimento sobre a vida espiritual.

Grande aliada da perfeição, a inteligência faz com que a pessoa reconheça as suas falhas e procure evitá-las.

Raciocínio

O raciocínio constitui valioso atributo espiritual de que dispõe o ser humano para analisar os fatos da vida e tirar dos acontecimentos as lições que lhe puderem ser úteis.

O raciocínio é como que uma luz projetada sobre os problemas difíceis da existência, para torná-los claros e compreensíveis. Além de nortear o espírito no curso da sua evolução, ele representa, ainda, um poderoso instrumento de defesa contra o convencionalismo mundano, contra o fanatismo, contra as mistificações de qualquer natureza, que produzem subordinações indicativas de formas agudas ou amenas de avassalamento.

Vontade

A vontade é a mais poderosa alavanca de que dispõe o ser para chegar ao triunfo, não existindo dificuldade ou obstáculo – dentro, naturalmente, das limitações humanas – que não seja capaz de superar. Ela tem o poder de subjugar o desânimo, a timidez, as fraquezas, as paixões, os vícios, os desejos intemperados, quando o ser humano sabe utilizar-se, conscientemente, desse atributo espiritual.

É comum as pessoas confundirem vontade com desejo, apesar de serem, na verdade, coisas diferentes. Quando o ser humano é envolvido por um desejo inferior e possui a vontade suficientemente exercitada, esta intervém, domina e vence o desejo.

A força de vontade é chama interior que conduz à vitória os que a sabem alimentar, mesmo nas lutas mais árduas e difíceis da vida. É resultado de uma série de sucessos alcançados pelo espírito, com esforço e decisão, nas existências anteriores em corpo humano e, como expressão de valor, uma fortaleza indestrutível para qualquer um.

Consciência de si mesmo

A consciência de si mesmo faz com que o ser humano não ultrapasse as suas possibilidades, dispersando, em pura perda, as energias que possui. Ela significa, pois, a autoapreciação no seu real sentido, não dando lugar à exaltação da vaidade nem à falsa modéstia, já que a magnitude e o valor espiritual são encarados sempre dentro de uma rigorosa visualização normal.

De posse da consciência de si mesma, a pessoa procede com simplicidade, imparcialidade e respeito aos semelhantes, por saber que todos têm uma origem comum e fazem, sem distinção, o mesmo curso evolutivo.

Domínio próprio

O domínio próprio assegura ao ser humano o controle íntimo, evitando atos impulsivos e atitudes impensadas que o possam levar a cometer desatinos, muitos dos quais irreparáveis, de que se vem a arrepender mais tarde, como acontece na maioria das vezes.

A pessoa precisa estar sempre alerta e vigilante, consciente de que é força espiritual que vibra incessantemente, atraindo e repelindo. Correntes favoráveis e desfavoráveis ao seu progresso e bem-estar enchem o espaço, cruzando-se em todas as direções. Daí a necessidade do domínio próprio, para não se deixar influenciar por irradiações adversas, procedendo, unicamente, de acordo com sua vontade.

Equilíbrio mental

O equilíbrio provém da apuração dos sentidos, do temperamento bem ajustado às realidades da vida, da serenidade, da

compreensão exata das possibilidades e da justa apreciação dos fatos.

A calma, a serenidade, a moderação, as atitudes ponderadas, a reflexão, o critério e o bom senso são qualidades reveladoras de equilíbrio mental, por meio do qual a pessoa, no torvelinho da existência terrena, procede com maior segurança e se abstém da prática dos erros comuns. Logo, a lapidação desse atributo deve ser objeto de constantes cuidados, pois ele desempenha um papel da mais alta significação no processo da evolução espiritual.

Lógica

A lógica é um atributo que dá a cada pessoa coerência em suas atitudes, congruência na condensação das ideias e ordenação nos pensamentos. É, por excelência, resultante da educação e do aprimoramento espiritual do ser humano, possibilitando que, de acordo com seu estágio evolutivo, formule suas conjeturas em bases firmes, objetivas e reais.

Sem aperfeiçoamento espiritual, a lógica é de todo impossível. Assim, nenhuma afirmação poderá ter bases sólidas se não for firmemente apoiada nesse importante atributo.

Percepção

Na percepção pesam determinados fatores psíquicos que representam valores reais, facilmente reconhecíveis. Dela são fortes componentes os recursos da intuição e da inspiração, que possuem importância destacada entre os demais atributos espirituais e as próprias ações humanas.

Intimamente ligada ao poder de penetração do espírito, à sua agudez, perspicácia e sensibilidade, a capacidade de percepção,

além disso, exerce notável influência no terreno da observação, revelando-lhe aquilo que as conveniências tantas vezes escondem.

Quando a prudência intervém, cautelosa, nas resoluções de uma pessoa, é ainda a sua capacidade de percepção que lhe fornece os elementos de decisão.

Sensibilidade

A sensibilidade é atributo de que dispõe o espírito para sentir as correntes vibratórias do meio ambiente, por trás do invólucro das aparências. É pela sensibilidade que se percebe o sentimento afim que congrega, que une, que irmana os seres de idênticos ideais e de iguais aspirações.

É a sensibilidade, ainda, o instrumento da alegria e da dor – dor que faz, não poucas vezes, a pessoa desatenta, indiferente e distante do cumprimento do dever, concentrar-se em si mesma, despertar e voltar-se para a realidade da vida.

Capacidade de concepção

Na capacidade de concepção estão o gênio inventivo, as criações do pensamento e a engenhosa força realizadora de todas as transformações e melhoramentos. Essencialmente construtiva, a ela se deve, como elemento propulsor, o desenvolvimento progressivo da humanidade.

Tanto nas artes quanto nas ciências, letras e todos os setores das atividades humanas, a capacidade de concepção ocupa posição de inconfundível relevo. A formação das riquezas lhe é devida, assim como as abnegações, os desprendimentos e as renúncias, por ser ela cultivada, via de regra, em benefício da coletividade.

Caráter

O caráter, como tantos outros atributos, patenteia, inequivocamente, a evolução espiritual do ser humano.

Os que possuem firmeza de caráter dão sempre os melhores, os mais admiráveis exemplos de retidão em todos os atos da vida. Como resultado da combinação harmônica com os demais atributos já mencionados, o caráter revela suficiente amadurecimento espiritual e efetivas condições para a ascensão a classe evolutiva mais elevada.

Portanto, são inumeráveis os atributos do espírito, que aumentam e se desdobram na razão direta do seu crescimento espiritual.

Capítulo 5

Pensamento

O pensamento é vibração do espírito, manifestação da inteligência, poder espiritual.

Ao atingir determinada fase evolutiva, o espírito sente necessidade de dar expansão aos seus conhecimentos, de alargar os horizontes da inteligência e de fortalecer os princípios morais que for aperfeiçoando a cada existência.

Pensar é raciocinar, é criar imagens, é conceber ideias, é construir para o presente e para o futuro. É pelo pensamento que a pessoa descobre, esclarece, resolve os problemas da vida.

O espírito imprime ao pensamento a própria força de que é dotado. Como o som e a luz, o pensamento também faz todo o seu percurso em ondas vibratórias ou, então, através de formas que ficam registradas no oceano infinito da matéria fluídica de que é provido o Universo e pode tornar-se conhecido de outros espíritos, desde o instante em que é emitido. Todo o processo evolutivo fica gravado nesse campo de matéria fluídica. Daí resulta a impossibilidade de ser alterada a verdade na vida espiritual.

Os pensamentos antecedem as ações. Assim, tudo que é feito, todos os atos dignos ou indignos são resultado de pensamentos também dignos ou indignos. “Quem mal faz para si o faz”, diz, com sabedoria, um axioma popular.

Os pensamentos ficam ligados à sua fonte de origem, enquanto permanecer o sentimento que os gerou. Criam condições proporcionadoras de saúde ou de enfermidade, de alegria ou de tristeza, de triunfo ou de fracasso, de bem ou de mal-estar.

Formando correntes que se cruzam em todas as direções, os pensamentos têm como fonte alimentadora os próprios seres humanos e os espíritos desencarnados que os emitem. Muitas dessas correntes são, além de doentias, bem avassaladoras. Com frequência, chegam mesmo a exercer acentuada predominância sobre as benéficas, pela inferioridade de pensamentos e sentimentos de que está saturada a atmosfera fluídica da Terra. Pensando mal, o ser humano não só transmite, mas também capta na mesma intensidade, queira ou não, pensamentos afins, e sofre efeitos dos pensamentos maléficos. Essas correntes produzem os mais sérios danos em distúrbios psíquicos e físicos.

Portanto, a educação e o fortalecimento da vontade têm importância fundamental na ação de governar os pensamentos. Aprendendo a fortalecer-se com sentimentos repletos de valor, a pessoa criará em torno de si uma barreira fluídica de tamanha rigidez que os pensamentos maléficos dos espíritos obsessores não terão força para quebrar.

Temores e indecisões conduzem ao fracasso. Ânimo resoluto para pensar e deliberar é condição que se impõe. O pensamento racionalmente otimista deve prevalecer, sempre e sempre, porque, quando aliado à ação, se constitui numa força capaz de demolir os mais sérios obstáculos. Pensamentos de valor e coragem, de firmeza e decisão, atraem vibrações de outros pensamentos de formação idêntica, produzindo ambiente de confiança capaz de conduzir ao sucesso.

A pessoa não se deve deixar abater, jamais. Um revés nada mais significa do que um incidente passageiro. Deve servir para chamar a atenção para algo que foi negligenciado, ou que era desconhecido. Muitas vezes, chega até a ser útil. De qualquer modo,

sempre haverá uma experiência a colher e uma lição a guardar de cada insucesso que ocorre.

Na vida, nada acontece por acaso. Tudo tem sua explicação, sua razão de ser. Ninguém pode aprender somente com o êxito, pois também se aprende, e muito, com o insucesso. A felicidade, a saúde e o bem-estar não seriam tão desejados, se fossem desconhecidas a desgraça, a doença e a miséria.

Diante disso, ninguém deve esmorecer. O lema é pressentir o mal para evitá-lo, para combatê-lo, para destruí-lo, e conceber o bem para conquistá-lo, para atraí-lo, para integrá-lo nos hábitos e costumes de todos os dias.

A boa conduta reflete a ação soberana do bom pensamento, que sobressai, por representar uma força motriz de prodigiosa capacidade para superar obstáculos. Essa força do pensamento varia com a educação da vontade. A vontade fraca anima o pensamento débil, e, a vontade forte, o pensamento vigoroso. Não é, pois, dando acolhimento às vibrações enfermigas do pessimismo, do desânimo, da malquerença, da inveja, da ingratidão, do ódio, da vingança, da perversidade e da indolência que a pessoa se fortalece e resolve os seus problemas. Antes, entorpece a mente e se arruína com essas vibrações.

O pensamento se cultiva, se aprimora e se fortalece pelo poder consciente da vontade. Pensamentos fortes são claros, firmes e bem definidos. Com maior facilidade se concretiza um ideal quando se sabe pensar firmemente e se põe em ação uma vontade repleta de energia.

Saber concentrar-se em determinado assunto, dando asas à imaginação com o propósito e o empenho de estudá-lo bem, de descobrir todas as suas nuances, toda a multiplicidade de aspectos, todas as diferentes formas de interpretação, constitui exercício de excepcional importância para se chegar ao domínio absoluto do objeto desse estudo.

Em todos os casos, porém, o estudioso precisa exercer severo

controle sobre si mesmo, para não colocar na apreciação dos fatos em exame as suas simpatias, os interesses egoísticos, ou mesmo a influência da presunção e do convencimento de que se ache possuído, pois a falta desse controle contribui, invariavelmente, para uma visão deformada das coisas, e acaba por levá-lo a conclusões falsas.

Para ser construtivo, progressista, realizador e útil ao Todo, o pensamento precisa ser límpido, cristalino e livre dos desvios espirituais ocasionados pelo viver sem método, pela egolatria e pela pressuposta infalibilidade das opiniões que conduzem ao fanatismo das ideias fixas.

É comum ouvir-se dizer que a união faz a força. Nada mais exato, tanto no sentido espiritual quanto no material. A influência do meio é da maior importância para o bem-estar da pessoa. Vários indivíduos de má índole e inferior educação, ligados uns aos outros e a terceiros por pensamentos afins, produzem vibrações muito mais perniciosas do que as emitidas apenas por um deles.

Por esse exemplo, vê-se que toda pessoa deve saber preparar-se mentalmente, sempre que tiver de penetrar em qualquer mau ambiente. Esse preparo consiste no pensamento vibrado com sabedoria, elevação, consciência e confiança em si mesma.

Pela atração das Forças Superiores, cujo poder é infinito, o pensamento emitido por pessoa mentalmente sã e esclarecida cresce em vigor, na medida das necessidades do momento, amplia-se, expande-se e supera qualquer corrente de pensamentos inferiores.

A força do pensamento tem como medida o grau de evolução do ser humano, e, como limite, a capacidade que este possui de utilizar-se dos seus atributos espirituais. Deverá ser sempre desenvolvida com o objetivo de favorecer o bem comum. Desde que a pessoa cresça na consciência de si mesma e se identifique com as suas poderosas faculdades latentes, encontrará na força do pensamento o instrumento seguro e eficaz para a realização de

anseios e aspirações, e a proteção da sua saúde física e mental.

A literatura médica registra inumeráveis casos de doenças graves cujas curas, por muitos consideradas milagrosas, apenas se deveram à ação espiritual dos próprios enfermos e à atração que souberam exercer das Forças Superiores.

A sublimação do pensamento traduz um estado de consciência sensível à evolução do espírito e propício à conquista da felicidade interior e do bem-estar proporcionado por essa felicidade.

A pessoa cria a imagem pelo pensamento e, só depois, a materializa para determinado fim. Vejam-se as maravilhas da pintura universal. Observe-se a riqueza, a grandiosidade das obras que consagraram e immortalizaram tantos e tantos mestres das belas-artes, através dos tempos. Pois nenhuma delas foi lançada na tela sem que o pintor a tivesse mentalmente concebido em todos os seus detalhes.

O mesmo acontece com o engenheiro. Antes de desenhar o edifício, a máquina, os projeta nos seus mínimos pormenores. Com o pensamento em ação, idealiza primeiro o esboço, depois corrige as possíveis falhas, até que a imagem do que vai exteriorizar e materializar esteja mais ou menos perfeita.

De toda a obra humana, toda, sem exceção, criou o espírito a imagem pela ação do pensamento, e, só depois, a materializou. Se assim ocorre na Terra, muito mais no espaço superior, onde o poder do pensamento criador é incomparavelmente maior.

Evolução significa, acima de tudo, poder criador. Quanto mais evoluído for o espírito, mais poderosos se tornam o pensamento e a capacidade de criar.

Um espírito no início da trajetória evolutiva, por mais nefasta que seja a sua atividade, não pode ultrapassar certos limites impostos pela indigência do raciocínio e pela pobreza mental de que é dotado. Já um espírito evoluído, se fosse utilizar os recursos de sua inteligência para o mal, poderia causar obra verdadeiramente devastadora.

O pensamento vigoroso emana do espírito forte, experiente. Em cada existência bem aproveitada ele trabalha, conscientemente, para melhorar, ainda mais, sua personalidade psíquica. É na sequência desse progresso que crescem o poder do pensamento e a capacidade de conceber, de criar, de realizar obras, cada qual mais importante.

Se tal é possível num mundo tão modesto, de tão reduzida evolução espiritual como o nosso, imagine-se a força criadora, o extraordinário poder de realização dos espíritos altamente evoluídos, cujas atividades são exercidas em planos mais elevados.

O grande repositório da sabedoria não está na Terra, mas no espaço superior. Os progressos da moderna tecnologia não seriam ainda conhecidos, se muitas das suas parcelas não tivessem sido transmitidas aos seres humanos pela via da intuição, vale dizer, pela força do pensamento, diante da qual todas as distâncias se anulam.

Das riquezas espirituais que o leitor aprimora neste planeta, assume papel de excepcional relevo o pensamento, de cujo poder concentrado e abrangente depende a racional solução de todos os problemas da vida.

Capítulo 6

Livre-arbítrio

O livre-arbítrio é faculdade espiritual controlada pela vontade e, quando bem usada, orientada pelo raciocínio. Quanto maior for o poder de raciocinar, tanto mais fácil se torna o governo do livre-arbítrio.

Livre-arbítrio quer dizer liberdade plena de ação, tanto para o bem quanto para o mal.

Praticam o bem as pessoas que trabalham para o aperfeiçoamento de hábitos e costumes, promovendo sua evolução. As que, por ações ou pensamentos, fazem retardar essa evolução, incidem no mal que acabará, cedo ou tarde, por atingi-las, com maior ou menor dureza.

A faculdade do livre-arbítrio começa a despontar quando a partícula inteligente ascende à fase evolutiva que lhe dá condições de encarnar em corpo humano. Nessa fase, como é compreensível, o conhecimento sobre o processo da evolução é incipiente. A pessoa, porém, já possui consciência do bem e do mal.

O mau uso do livre-arbítrio resulta da curta capacidade de raciocinar, da aquisição de vícios e maus costumes e do cultivo de sentimentos inferiores.

Sob a influência dessas perniciosas aquisições, inimigas da

saúde e da evolução espiritual, a pessoa fica saturada de vibrações inferiores que a fazem perder o respeito por si mesma, levando-a a cometer atitudes reprováveis. Todo mal cresce de vulto quando praticado conscientemente, e quem assim procede terá, sem nenhuma dúvida, um triste e doloroso despertar.

Usar o livre-arbítrio como instrumento contra o semelhante, utilizar-se dele para injuriar, intrigar, escarnecer, caluniar e desmoralizar o próximo constitui erro da mais alta reprovação.

Fujam os seres, o quanto possam, da justiça terrena, tantas e tantas vezes falha na apreciação dos feitos humanos, mas, jamais escaparão às sanções espirituais que os farão colher, no devido tempo, o fruto das sementes que houverem lançado na Terra.

Não é um tribunal astral, como se poderá supor, que vai impor ao faltoso a justiça espiritual. É o próprio espírito desencarnado que a ela voluntariamente se submete, no momento em que – no mundo espiritual a que pertencer, livre de todas as influências deste planeta – procede a devido exame de seus atos, quando nem um só escapa à sua apreciação e ao seu julgamento. O remorso, nessa ocasião, lhe queima a consciência, como se sobre ela tivesse sido posto um ferro em brasa. Dominado pelo arrependimento, o espírito anseia por nova encarnação, disposto a dar o máximo de si para recuperar, o mais rápido possível, o tempo que perdeu na Terra. A queimadura de alto grau produzida pelo atrito da luta íntima entre a constatação do mal praticado e a consciência do dever deixado de cumprir faz trabalhar o raciocínio, exercitando-o e desenvolvendo-o.

A perversidade é uma demonstração inequívoca da falta de esclarecimento espiritual. Ela significa não estar o espírito ainda convenientemente lapidado, e torna claro que suas vibrações são idênticas às das camadas espirituais de reduzido desenvolvimento do senso humanitário. O livre-arbítrio da pessoa, em tais circunstâncias, reflete, no desacerto da orientação, o estado evolutivo do próprio espírito.

À medida que cresce a intensidade da vibração do espírito, vai diminuindo a possibilidade de ele deixar-se empolgar pelas correntes vibratórias de inferior espécie e de praticar ações que a consciência reprove.

Portanto, o espírito vibra com a intensidade correspondente ao seu grau de progresso. Quanto maior for essa intensidade, mais acentuado é o conhecimento da vida, mais evidente o poder de ação espiritual, mais seguro o controle dos atos humanos e mais apurado o uso do livre-arbítrio.

A evolução – nunca é demais repetir – é regida por leis naturais que jamais se alteram no tempo e no espaço. Às suas normas imperativas ninguém se pode esquivar. Essas leis colocam todos no mesmo rigoroso nível de igualdade no tocante aos meios de que cada qual dispõe para fazer uso, com toda a liberdade, do patrimônio espiritual que for conquistando, de maneira mais rápida ou mais lenta, conforme a direção que tenha dado ao livre-arbítrio.

A evolução pode ser retardada pela indolência, displicência ou negligência do ser humano. Essa situação de indiferença, de relaxamento e abandono dos deveres que a vida impõe é muitas vezes atribuída a suposta predestinação ou ao jugo de destino inexorável e cruel, contra os quais muitas pessoas pensam que seria inútil lutar. Esse modo infundado de encarar coisas tão sérias quase sempre resulta em danos morais ou materiais. O ser humano tem suficiente poder para mudar, em qualquer tempo, os rumos da vida, manejando, corretamente, o livre-arbítrio. Do seu futuro bom ou mau, do triunfo ou do insucesso, é ele o artífice.

A pessoa espiritualmente esclarecida prepara hoje o dia de amanhã. Isso significa que o futuro será o que estiver sendo projetado e trabalhado no presente. Como há muito que fazer, cumpre-lhe estar sempre atenta aos deveres, procurando utilizar o livre-arbítrio em ações que preservem o seu futuro de consequências prejudiciais e lhe facilitem a jornada.

A dor moral – se acompanhada de desorientação – produz vibrações suscetíveis de atrair e reter influências e fluidos deletérios. No entanto, desde que a pessoa possua algum conhecimento da vida e perceba as associações existentes entre o corpo e o espírito – sem perder de vista a precariedade e transitoriedade dos valores terrenos – compreenderá a necessidade de opor reação imediata ao sofrimento, para não se deixar dominar por ele, assim como aos pensamentos de fraqueza que a poderão conduzir à depressão espiritual, causa de tantos transtornos psíquicos e males físicos.

A ninguém é solicitado mais do que pode dar. O bom uso do livre-arbítrio está dentro da capacidade de cada um. Por que, então, cometer erros que fazem da vida um tormento? Por que tantos se deixam absorver pelas esfuziantes emoções relacionadas a um viver materializado, tão precárias quanto enganadoras?

É, pois, do máximo interesse humano o conhecimento da responsabilidade que cada ser tem no governo da sua faculdade arbitral. Essa responsabilidade faz parte integrante da vida sendo, por isso, irrecusável e intransferível. É inútil negá-la, como é inútil a tentativa de escapar às suas consequências. O perdão para crimes, falcaturas e prevaricações não tem qualquer sentido na vida espiritual.

O que se impõe, acima de tudo, é a necessidade imperiosa e inadiável de cada pessoa enfrentar com determinação, coragem e valor os problemas e as responsabilidades da vida.

O erro precisa ser conhecido para poder ser evitado. São incalculáveis os males resultantes do desconhecimento do que representa o livre-arbítrio na existência humana, pois, com essa faculdade bem conduzida, não haveria tantas encarnações mal aproveitadas.

Grande parte da humanidade pouco sabe a respeito do livre-arbítrio. Muitas pessoas acreditam que a vida se limita a uma única passagem por este planeta e por isso agem de maneira inconsequente, o que contribui para a perda preciosa das oportunidades que este mundo-escola oferece para a evolução espiritual.

Quando se decidirá a humanidade a despertar para a realidade da vida? Quando se sentirá com forças para romper os elos das ultrapassadas correntes de pensamento que dificultam o progresso espiritual?

É longa, sem dúvida, a jornada do espírito pela Terra, em sucessivas etapas. Todas elas, porém, poderão ser galgadas sem repetições, se os princípios racionalistas cristãos forem rigorosamente observados, e deles faz parte destacada o bom uso do livre-arbítrio.

Capítulo 7

Aura

Todos os corpos, quaisquer que sejam, possuem uma base fluídica. Essa base os interpenetra e expande-se além dos seus limites físicos, formando um envoltório que os médiuns videntes percebem como se fosse uma névoa, denominada aura.

A matéria organizada (física) e os diversos níveis de matéria fluídica são campos de manifestações da Inteligência Universal. As auras refletem essas manifestações.

A visão física apenas pode distinguir as cores do espectro solar e suas associações. Existem, no entanto, inumeráveis outras que, embora escapando aos olhos humanos, fazem parte da seriação de cores da aura.

A visão astral, quando principia a desenvolver-se, apenas distingue a porção de maior densidade da aura. Sua observação mais profunda é possível somente aos que possuem a vidência suficientemente apurada.

A coloração da aura dos minerais apresenta-se, de certo modo, constante. Nos vegetais, a vida já demonstra ação evolutiva mais avançada e variável. Por exemplo: as árvores, no viço da existência, e as madeiras, na sua utilização industrial, apresentam auras diferentes, que correspondem à transformação operada com o manuseio.

Nos animais inferiores, aumenta a variação das cores das auras, que se alteram de acordo com as condições de saúde, com o estado de calma ou de irritabilidade, de coragem ou de temor, de boa ou de má nutrição e, ainda, com a idade viril ou de senilidade.

É a aura humana que, pela grande variação de cores, apresenta maior complexidade de análise. Sua leitura só poderá ser efetuada com exatidão por espíritos evoluídos, conhecedores de toda a sutileza da alternância e combinação das cores, já que, numa mesma cor, cada tonalidade possui significado particular, e cada combinação de duas ou mais cores ou tonalidades exige novas interpretações.

Quando a pessoa se mantém em estado de calma e de tranquilidade, sua aura se manifesta por coloração própria, reveladora do grau de evolução do espírito, pois retrata suas tendências, capacidade de raciocínio, nível de inteligência, natureza dos pensamentos e grau de sensibilidade de consciência. Em síntese, retrata o seu caráter.

Disso resulta modificar-se, de indivíduo para indivíduo, a cor habitual ou própria da aura. E essa cor habitual ou própria vai mudando, paulatinamente, à medida que o caráter é aprimorado, com a eliminação progressiva dos sentimentos inferiores.

Contudo, a aura está sujeita, ainda, a mutações repentinas e passageiras. Basta a pessoa deixar-se envolver por uma emoção ou paixão qualquer, ser acometida de determinado sentimento, para que sua aura tome, imediatamente, a cor que esse estado psíquico traduz. É que emoções, paixões e sentimentos momentâneos produzem vibrações correspondentes, e estas, dominando o campo da aura, se impõem com sua cor própria. Portanto, as cores habituais da aura definem, de modo geral, o caráter do indivíduo, ao passo que as cores passageiras expressam as mutações de pensamentos e emoções diante dos problemas da vida.

Durante o sono, pode-se observar a aura do corpo físico, quando o espírito dele se afasta com o corpo fluídico, sem rompimento dos vínculos vitais. Verifica-se, então, ser esbranquiçada e transparente, como se fosse constituída de fios de cabelo esticados, se o corpo estiver são, e, curvos e caídos, se enfermo.

Mais densa junto ao corpo, a aura humana gradativamente se torna mais transparente, mais tênue, diáfana, à medida que dele se distancia.

Os dois extremos opostos, na gama dos sentimentos alimentados pelo espírito, são identificados, na aura, pelas tonalidades clara e escura. Entre os extremos há imensa variedade de cores, cada qual definindo os pensamentos, as emoções, os sentimentos e, de um modo geral, o grau de evolução do espírito.

A tonalidade clara, límpida, cristalina, exterioriza a forma mais alta do desenvolvimento espiritual. A escura, embaçada, representa os mais baixos sentimentos.

Os espíritos do Astral Superior – que detêm grau elevado de espiritualidade e, por isso, não precisam encarnar para evoluir – se manifestam em corpo fluídico, invariavelmente, por intermédio de aura clara.

Na sequência da evolução espiritual, cada indivíduo bem-intencionado procura despojar-se dos defeitos que vai notando em sua própria personalidade, mas conserva os que lhe escapam. Esse procedimento, assim mesmo, varia de pessoa para pessoa. Umas, enquanto procuram dar combate à vaidade, esquecem-se da avareza; outras, esforçando-se por dominar a inveja, deixam-se levar pela luxúria, e assim por diante.

Muito embora a aura se ache oculta, em parte, à visão humana, a pessoa precisa habituar-se a ser honesta, leal, verdadeira, não por medo de que outros descubram a inferioridade da sua personalidade interior, mas, por dever de consciência, por dignidade própria, pelo respeito que deve a si mesma e pelo esclarecimento relacionado com a vida.

Só assim, o caráter do ser humano se lapida, se aprimora, se solidifica, sob condições estruturais indestrutíveis, de maneira que, em qualquer situação, as atitudes que pratica revelem sempre a qualidade dos seus atributos morais.

Capítulo 8

Encarnação do espírito

A Terra é um mundo-escola, uma oficina de aprendizagem e trabalho, um ambiente adequado onde o espírito promove sua evolução em tempo mais ou menos longo, de acordo com o aproveitamento alcançado em cada uma das incontáveis encarnações por que precisa passar no planeta.

Conforme consta no Capítulo 3 deste livro, intitulado “Espaço”, os espíritos, em seus mundos de estágio, estão distribuídos por classes, segundo a evolução de cada um. Os que cumprem etapas do processo evolutivo aqui na Terra pertencem, com exceção dos casos especiais, aos mundos densos, opacos e intermédios.

Todavia, os espíritos se misturam intensamente ao encarnarem em corpo humano, para a formação de povos de estruturas heterogêneas, como convém a um mundo de aprendizado. Os seres que sabem mais, os que dispõem de maior tirocínio, de maior lastro de experiência, ensinam aos que sabem menos aquilo que, por seu turno, aprenderam de outros. Para bem assimilarem as lições da vida, necessitam encontrar no semelhante qualidades e conhecimentos que ainda não possuem. Exatamente por esse fato é que se veem, com frequência, pessoas de espiritualidade bastante diferente em uma mesma família.

Determinado a encarnar e, levando em consideração as perspectivas relacionadas ao seu grau de evolução, o espírito faz escolhas no que tange à nação, à família e a outras condições que lhe possam favorecer o processo de desenvolvimento. No momento da concepção forma-se uma conexão de natureza vibratória entre ele e o óvulo fertilizado.

Ao deixar as dimensões mais sutis, que constituem seu mundo de estágio, projetando-se nos níveis mais compactos da matéria física, a parcela da Inteligência Universal, na condição de espírito, envolve-se com campos interligados ao planeta, recolhendo de cada um deles matéria necessária à expressão e expansão de suas faculdades.

Cada campo possui funções específicas. Há, por exemplo, os que estão associados às diversas nuances dos processos emocionais, outros que respondem ao exercício de funções mentais e ainda outros que estão ligados às correntes vitalizadoras dos próprios campos.

O conjunto dos extratos oriundos dos diferentes campos, recolhidos pela parcela da Força Criadora, gera um campo individualizado de energia, a ela associado, denominado de corpo fluídico. É através desse corpo que o espírito interagirá com o corpo físico em formação.

As emanções radiantes provenientes das vibrações do corpo fluídico vão originar em torno do corpo físico um halo luminoso que pode ser captado através da percepção extrassensorial de médiuns videntes.

À medida que o corpo físico se desenvolve no útero materno, o espírito começa a se ligar a ele, gradativamente, a partir do terceiro mês de gestação, através de cordões fluídicos. Observa-se, por meio da pesquisa mediúnica, que esse corpo denso é modelado a partir de uma matriz fluídica, também chamada matriz etérica, construída em obediência a leis que regulam os processos naturais em dimensões superiores às terrenas.

Os campos etéricos são campos de energia que permeiam e vitalizam os diversos campos, possibilitando o fluxo de energia entre eles.

O espírito toma posse do corpo físico por ocasião do nascimento. No entanto, o despertar para a realidade física só se faz paulatinamente, estendendo-se até, mais ou menos, o sétimo ano de vida, idade em que se consolidam as ligações entre os corpos.

Nos primeiros anos de existência, as crianças vivem parcialmente nas dimensões psíquicas e isso fica evidenciado no alheamento de muitas delas, conversando com amiguinhos invisíveis, vendo coisas e ouvindo vozes que, aos adultos, soam como invenções e fantasias.

Tais fenômenos, entretanto, cessam com o tempo e as crianças passam a focalizar a atenção na realidade física que as cercam. Nessa fase, elas são também muito suscetíveis às influências psíquicas do meio em que vivem. Apresentam-se sem reservas e revelam, desde tenra idade, tendências plasmadas em encarnações pretéritas. É o momento mais adequado para se definir e colocar em prática estratégias educacionais que as conduzam ao crescimento espiritual. É importante, por isso, que os adultos, principalmente os pais, se conscientizem desses fatos, a fim de orientá-las com acerto, proporcionando-lhes um ambiente psíquico favorável ao desabrochar de uma personalidade espiritualmente equilibrada.

Ao se consumir a encarnação, os espíritos passam a estimular campos que podem ser considerados localizações de energia, que interagem uns com os outros e com o campo geral de energia universal.

Simplificadamente, pode-se dizer que o ser em ação na dimensão física é constituído por:

- espírito (princípio inteligente e imaterial)
- corpo fluídico (matéria diáfana)
- corpo físico (matéria densa)

Com essa estrutura terá de exercer as funções terrenas e viver, distintamente, duas vidas: a material e a espiritual, cumprindo uma das mais importantes determinações das leis naturais, a reencarnação.

O espírito, para o qual está voltada a atenção do leitor, é quem governa os dois corpos – o fluídico e o físico – sendo, portanto, responsável por todas as manifestações da vida.

As transformações por que passa a matéria, a que estão sujeitos os dois corpos mencionados, jamais atingem o espírito. Imaterial, eterno e imutável na sua essência, ele oferece admiráveis demonstrações de potencialidade e valor à medida que evolui.

O corpo fluídico é, então, o liame, a ligadura entre o espírito e o corpo físico do ser. Ele está preso ao espírito em razão da vibração permanente deste, e envolve todo o corpo físico.

Durante o sono, o espírito se afasta com o corpo fluídico – do qual não se aparta nunca – sem interromper, contudo, a união com o corpo físico, ao qual continua a transmitir o calor e a vida através dos cordões fluídicos mencionados.

Por mais extensas que sejam as distâncias que separem o espírito do corpo físico, jamais a ligação entre eles se interrompe, não só porque tal interrupção significaria a desencarnação, como pela natureza dos cordões fluídicos, que se distendem sem limites. Sendo assim, o espírito e o corpo fluídico somente deixam definitivamente o corpo físico após o seu falecimento.

O corpo físico é uma admirável obra da Inteligência Universal, capaz de proporcionar ao espírito os recursos materiais com que leva a efeito no planeta Terra um curso de aperfeiçoamento em inumeráveis encarnações, indispensáveis à sua ascensão a ambiente de maior espiritualidade, num plano mais alto de evolução.

O corpo físico pode ser apresentado como perfeita e acabada peça escultural. A ciência médica dele se ocupa, estudando-o em seus mínimos detalhes. E não é pequeno o número de cientistas

que já admite serem as desordens do espírito – nas quais se incluem, com destaque, as perturbações emocionais – a causa de grande parte dos desarranjos físicos, formando todo um quadro de anormalidades e doenças cuja origem não constitui mais segredo para eles.

O espírito isola-se do seu passado ao encarnar. Esquecendo-se por completo das existências anteriores, apenas retém no subconsciente os ensinamentos oriundos das experiências pelas quais passou e as tendências resultantes do uso que fez do livre-arbítrio. Isso representa um grande bem. Primeiro, porque a cortina da matéria, impedindo que se reconheçam desafetos de outras existências, possibilita a reconciliação, aproximando-os sem ressentimentos ou malquerenças. Segundo, porque o espírito, sem a visão temporária dos erros do passado, que tantas vezes humilham, envergonham e até subjagam, aniquilando a vontade, melhor se condiciona para uma nova existência, em cada passagem terrena. Tudo quanto de bom adquiriu com esforço e trabalho conserva para sempre, e esse patrimônio espiritual lhe presta valiosa colaboração em cada encarnação, facilitando a conquista de novos conhecimentos, de novas qualidades e de melhor apuração de seus atributos. Assim têm feito e continuam a fazer bilhões de espíritos em sua trajetória por este mundo, numa longa série de encarnações.

O ser humano passa por fases distintas, em cada uma das quais poderá colher valiosos ensinamentos. Essas fases são: infância, mocidade, madureza e velhice. Em todas elas tem deveres a cumprir, trabalhos a realizar, obrigações a satisfazer. A dinâmica da vida exige ação permanente. Mas ação dignificante, proveitosa e construtiva, em benefício próprio e do semelhante. As quatro fases mencionadas só possuem sentido no plano físico. Elas se relacionam, unicamente, com o desenvolvimento e a duração da existência terrena, servindo para estabelecer a diversidade de experiências e ensinamentos no curso de uma encarnação.

Dá-se o nome de infância ao período que se estende do nascimento à puberdade. Nela se constrói a base que irá sustentar a edificação do caráter.

O medo é um dos perniciosos males que mais inquietam, angustiam e martirizam o ser humano. Suas raízes podem começar a crescer na primeira infância, quando tantas coisas erradas são incutidas na mente das crianças. Certos contos infantis, em que aparecem bichos-papões, fantasmas, lobisomens e tantas invenções, por vezes respondem pelo complexo de temor que se vai apoderando das crianças e pela nefasta influência que tal complexo passa a exercer durante toda a vida.

Combater, no processo de educação das crianças, tudo quanto possa contribuir para torná-las tímidas e medrosas, evitando, necessariamente, os caminhos extremos que conduzam à imprevidência e à temeridade, é dever que se impõe a todos os que tiverem uma parcela de responsabilidade para com elas. São de importância fundamental, por isso, os ensinamentos que forem ministrados à criança nessa delicadíssima fase da vida, através de lições do mais alto sentido moral e, sobretudo, de exemplos repletos de valor, para que sejam bem assimilados e contribuam para a formação de uma personalidade valorosa.

Seguem-se à infância os anos da mocidade, que se situam entre o que se concebe geralmente por menor e por adulto.

A mocidade começa na puberdade, alongando-se até a maturidade. É a idade da razão, em que estão presentes, de modo geral, as mais altas aspirações e os grandes ideais da vida. E a essas aspirações, a esses ideais, não é estranho o sentido de espiritualidade, principalmente se na infância a criança teve a felicidade de receber princípios educativos elevados.

Uma nação será grande à medida que puder confiar na sua juventude, para a qual se voltam, permanentemente, as esperanças dos mais velhos.

À mocidade sucede a maturidade, em que o ser humano tem,

a seu favor, a experiência alcançada nos períodos anteriores da vida. Ele poderá ser, nessa fase, um timoneiro seguro e competente, muito lhe valendo a soma de conhecimentos adquiridos.

A pessoa atinge o apogeu na maturidade. Seu corpo físico alcançou a vitalidade máxima, permitindo ao espírito que lhe transmita a plenitude da sua capacidade construtiva.

Já a velhice representa a última fase da vida. Isso é compreensível: o corpo físico não é mais do que a máquina a serviço do espírito, de quem recebe calor, ação, movimento e vida. Essa máquina – como todas as máquinas – está sujeita à ação do tempo, aos desarranjos e desgastes que são maiores ou menores, de acordo com o trato que lhe for dispensado. E, convenhamos, não faltam os desatentos, os indiferentes e os desleixados. Não são poucos os que se atolam nos vícios, com que produzem no corpo físico danos não raro irreparáveis, acarretando sua ruína.

A vida bem vivida conduz a uma velhice sadia e feliz. Nessa fase, porém, ainda que plenamente lúcido, o ser humano não pode, como é compreensível, manifestar a mesma fortaleza da juventude e o vigor e o dinamismo revelados nos períodos anteriores. E isso pela natural diminuição da capacidade física.

As atividades neste mundo são diversas e muitos os meios pelos quais se processa a evolução. Nem todos os seres humanos, no entanto, contam com iguais possibilidades, mas o que importa, acima de tudo, é enobrecer o sentido da vida, ainda que nos trabalhos mais rudes e humildes.

São felizes as pessoas que sabem dar ao mundo inequívocos exemplos de valor e honradez. O interesse pelo bem-estar geral, o comportamento familiar, a preocupação constantemente voltada para a educação da prole, a disciplina e o amor ao trabalho são alguns desses exemplos.

A moral social se define pelo grau de evolução espiritual. Cada povo possui uma concepção própria da vida. Contudo, quanto mais se caminha, quanto mais se avança no terreno da civiliza-

ção, mais patentes e fortes se evidenciam os preceitos da moral e da honra.

A educação dos seres humanos não se limita ao período da infância, em que mais atuam os pais. Preparados para dirigir-se por si mesmos, já adultos, devem ir recolhendo o maior lastro de experiência que lhes for possível alcançar, através da observação e do testemunho das coisas que ocorrem à sua volta ou de que tiverem tomado conhecimento.

O êxito ou o fracasso dos outros, as causas, as razões, os motivos das alegrias ou dos sofrimentos por que passam, constituem valiosos ensinamentos dos quais se devem aproveitar todas as pessoas, para não incidirem nos erros que causaram a dor e o prejuízo alheios e para tomarem os mesmos caminhos que levaram o semelhante ao triunfo e ao bem-estar.

Os vários níveis sociais que existem na Terra se justificam, em parte, não só por se tratar de um mundo-escola, como também pelas falhas que se observam na educação dos seus habitantes.

O indivíduo mal-educado restringe seu campo de ação ao próprio nível em que vive, tornando-se indesejável nos planos superiores de educação. Daí a necessidade que tem qualquer pessoa de não poupar esforços no sentido de melhorar suas condições sociais, contribuindo para a elevação dos índices de moralização no planeta.

Se a pessoa se inferioriza diante do próximo quando pratica ações condenáveis, reveladoras de indigência de princípios morais e educativos, mais se sentiria inferiorizada e com vergonha de si mesma, se tivesse a consciência espiritual vigilante e desperta para apreciá-las e analisá-las.

Viver com eficiência implica em cuidar da saúde moral e física, em participar ativamente do esforço comum da humanidade para melhorar as condições do mundo, em proceder sempre com disciplina, método e ordem.

Os seres devem respeitar-se a si mesmos e ao próximo, já que

não é concebível uma existência terrena digna e bem ajustada ao interesse comum sem respeito. Tratar sem respeito o semelhante é revelar carência de princípios educativos e cometer uma indignidade. O respeito deve existir entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e, de modo geral, entre todos os seres. Não há germe mais pernicioso e destruidor do sentimento de amizade do que a falta de respeito. A intimidade não dispensa, de maneira nenhuma, o tratamento respeitoso.

Indissociável da fidelidade aos ditames da moral, da moderação e da justiça, o princípio de autoridade jamais deverá ser exercido com despotismo e intolerância. Embora muitas pessoas se imponham pelo temor que seus atos infundem, a verdadeira autoridade, a mais autêntica, a mais legítima é magnânima e justa, tornando aqueles que a exercem queridos e respeitados. Isso não quer dizer que abduquem elas do direito – e até do dever – de usar de energia e severidade quando forem necessárias. O que não devem, nunca, é se excederem ou se tornarem prepotentes e arbitrarias. Quem detém autoridade precisa refletir bastante antes de tomar qualquer medida, para reduzir ao mínimo a possibilidade de cometer equívocos e praticar injustiças.

Todos os habitantes deste mundo-escola são imperfeitos. Uns, evidentemente, mais do que outros. Não há, pois, quem não esteja sujeito a erros. Muitos desses erros são involuntários. Outros resultam do mau uso do livre-arbítrio. Diz-se que errar é humano. Nada mais certo. Uma vez, porém, convencido do erro, cumpre a cada um honestamente reconhecê-lo e esforçar-se para não voltar a errar. Esconder os erros em lugar de combatê-los é prática comum, mas altamente prejudicial ao aperfeiçoamento do espírito.

A maioria das pessoas raramente procede com isenção e justiça no julgamento íntimo dos seus atos. Mesmo as que encaram com severidade as más ações alheias, para as quais têm sempre palavras de censura e condenação, não fogem à tendência geral com relação às próprias faltas, que é a da justificativa ampla, in-

dulgente e absolutória. Com esse procedimento, os erros acabam por incorporar-se aos hábitos e costumes humanos, perdendo o indivíduo o respeito que deve a si mesmo e corrompendo o caráter e a dignidade. O que todos devem e precisam fazer é encarar, corajosamente, as faltas cometidas e dispor-se a eliminá-las com o poder da vontade.

A integridade deverá se constituir em permanente preocupação do ser humano, que muito lucrará se conseguir aprimorar, pelo menos, uma das muitas facetas desse precioso tesouro moral. Ninguém pode chegar ao fim do ciclo de encarnações terrenas enquanto não tiver alcançado elevado nível de integridade.

Neste mundo não faltam expedientes astuciosamente criados para proporcionar situações vantajosas, mas desonestas. Os fracos sempre capitulam diante deles. Os fortes resistem, os que resistem vencem, e as vitórias fortalecem. Pois é da soma dessas vitórias que se formam seres verdadeiramente íntegros. Mas, entenda-se: não se apura a conduta moral apenas porque não se vende a consciência. É preciso mais, é necessário sentir a vida em toda a grandeza e plenitude, para reconhecer que só é perfeitamente íntegro quem – além da honra – está sempre disposto a contribuir para o bem geral, e é justo, digno, leal e valoroso.

O aperfeiçoamento deve se tornar a principal preocupação do ser humano nos diversos ramos de atividade. Para isso, tem necessidade de esmerar-se no desempenho das obrigações, procurando executar o trabalho com a dedicação de que for capaz.

Sem atenção, interesse, conhecimento, esforço, alegria, bom humor e inabalável disposição de alcançar resultados positivos, não se caminha para o aperfeiçoamento, e este, indissoluvelmente ligado à evolução, é a razão principal da vinda do espírito à Terra. Não há possibilidade de progresso espiritual fora do campo do aperfeiçoamento.

É o aperfeiçoamento espiritual, por isso mesmo, o grande e poderoso aliado dos seres humanos. Conquistá-lo, em todas as

oportunidades e por todos os meios, é dever que se impõe aos que desejam realmente progredir, aproveitando bem a existência. Como não têm tempo a perder, devem procurar aprender hoje o que ainda ontem não sabiam, conscientes de que cada conhecimento novo representa mais um bem, mais um valor que se incorpora ao patrimônio espiritual.

Aos que não tiveram a felicidade de frequentar escolas, é importante lembrar que a Terra é um mundo onde poderão aprender as mais variadas lições, pois ensinamentos bons não faltam. Muitas são as matérias de que se compõe o curso que compete ao espírito fazer nas inumeráveis passagens por este planeta. Os alunos desleixados, desatentos e relapsos estão sempre a repetir as lições.

Se a humanidade se compenetrasse do que representa uma existência bem aproveitada, não se constatariam tantas falências e tamanho descaso na Terra pelos valores espirituais.

Quanto mais adiantado o ser humano, mais ele reconhece a longa distância que o separa do saber absoluto, que exige uma eternidade de estudos. O verdadeiro sábio não perde a consciência das suas limitações, porque se esforça por aprender sempre mais e mais. É, de modo geral, modesto e desprezioso, ao contrário dos indivíduos que andam sempre preocupados em exhibir-se e em se fazer passar por alguém de grande talento e importância. Muitos deles não se apercebem do ridículo a que se expõem quando fazem de si mesmos – da sua inteligência, da sua bondade, do seu valor – o objeto da conversa.

O alarde de atributos hipotéticos ou reais não fica bem a ninguém. Por isso, há necessidade de comedimento, de moderação nos gestos e nas atitudes que deverão constituir um sadio hábito na vida dos seres humanos, para conduzir-se sempre com exemplar dignidade. Os exemplos de honradez constituem a mais alta contribuição que podem dar à sociedade.

A honradez não se limita à pontualidade nos pagamentos, à

exatidão nas transações e à fidelidade nos ajustes. Ela exige, acima de tudo, firmeza de caráter, sentimentos elevados, desprendimento e valor, intransigente lealdade e indesviável retidão no cumprimento do dever.

O Universo, considerado em si mesmo, é todo movimento e ação. Os grandes artífices do progresso do mundo foram trabalhadores incansáveis. E os exemplos de dedicação ao trabalho são dos mais úteis à causa da humanidade. Já os que vivem na ociosidade não passam de parasitas sociais e aproveitadores do trabalho alheio, ainda mesmo quando disponham de fortuna e se julguem grandes personagens.

O ser humano tanto se enobrece e dignifica no trabalho braçal quanto no intelectual, artístico ou científico. O que dá proveito ao espírito não é a natureza do trabalho, mas o valor moral e a satisfação com que é realizado. Sendo assim, todos devem procurar o trabalho que corresponda à sua vocação para executá-lo com alegria e entusiasmo, não o considerando um castigo, uma vez que sem ele jamais dariam um passo no caminho da evolução.

Constituem-se em ações meritórias do mais alto interesse humano as obras culturais que se escrevem, as escolas que se instalam, as bibliotecas que se fundam, as organizações científicas que se estabelecem e os trabalhos que se realizam com a finalidade de instituir e incrementar, em todo o planeta, o intercâmbio intelectual, material e espiritual entre os seres. Sob esse aspecto, incluem-se também as iniciativas destinadas a fomentar a produção industrial, mineral e agrícola que preservem o meio ambiente e contribuam para o bem-estar da coletividade.

O desempenho de qualquer função exige zelo, dedicação e interesse por alcançar o melhor resultado possível. Os exemplos devem partir de todos, uma vez que só tem autoridade para exigir aquele que sabe cumprir seus deveres.

A falta de zelo no desempenho de qualquer função fere o caráter, deslustra o indivíduo e inferioriza a conduta, errando contra

si mesma a pessoa cuja atividade se caracterize pelo descuido, pelo desleixo e pelo relaxamento.

O trabalho humano, ainda quando pareça isolado, é de coordenação e cooperação mútua, nele estando diretamente interessados todos os seres. Os que executam mal a sua parte por falta de zelo e dedicação revelam qualidades negativas e indignância do senso de responsabilidade.

Para o tempo ser bem aproveitado, deve-se organizar um plano inteligente de trabalho, de maneira que os compromissos sejam executados na hora própria. Trabalhar, recrear e descansar são três necessidades humanas igualmente imperiosas para produzir um mesmo resultado, que é o bem-estar físico e espiritual. Cada qual deve escolher o horário que melhor atenda às suas conveniências e às exigências do trabalho, mas sem negligenciar o repouso e o recreio. Somente assim encontrará prazer no trabalho, proveito no descanso e alegria no divertimento, fatores que contribuirão para a saúde e o bem-estar.

Sempre que os recursos o permitirem, a economia não deve afetar a boa apresentação nem a plena suficiência na vida material, moral e intelectual do ser humano. Tão condenável é a dissipação quanto a mesquinhez e a miserabilidade. Todos devem repelir os vícios, se abster do supérfluo, opor-se ao desperdício e ao esbanjamento, mas sem se privar do necessário.

É preciso compreender que os bens materiais pertencem à Terra e nela ficarão, não sendo os seres humanos mais que administradores ou depositários temporários desses bens.

Proceder egoisticamente, escravizar-se aos valores puramente materiais, na falsa suposição de que deles depende a felicidade, é engano, e dos mais graves, em que incorre um grande número de seres.

O patrimônio que a pessoa acumula ao longo de cada jornada terrena é representado, exclusivamente, pelas ações meritórias que pratica. São, na verdade, os únicos bens que leva consigo – bens

que a vão encher de alegria e felicidade no plano espiritual.

Todos os seres humanos são dotados, dentre outras, da faculdade de intuição – faculdade mais receptiva e mais sensível em uns do que em outros. Por meio dela, espíritos desencarnados que perambulam na atmosfera fluídica da Terra em estado de perturbação – em seu conjunto designados de astral inferior pelo Racionalismo Cristão – interferem na vida das pessoas, levando-as – quando não reagem por meio do pensamento acionado pela vontade consciente – a cometer as piores ações, fazendo-as chegar, frequentemente, à obsessão. Contra essas influências são perfeitamente inúteis apelos infundados a hipotéticos protetores, geralmente formulados pelos que desconhecem estes princípios básicos e fundamentais da vida universal: atração e repulsão, ação e reação, causa e efeito.

Assim sendo, os seres precisam conhecer a ação do pensamento, o poder da vontade, a força psíquica de atração que tanto poderá ser exercitada para o bem como para o mal, conforme a natureza dos pensamentos que a dinamizarem e, conseqüentemente, os recursos que, indistintamente, possuem para atrair o bem e repelir o mal. Os deveres materiais e morais devem estar sempre presentes na consciência de todos, pois a vida reclama, a cada passo, uma atitude, um movimento, um gesto, uma palavra que traduza o cumprimento do dever.

Cumprir o dever significa ser honrado, respeitar-se a si próprio e agir com dignidade, elevação e consciência esclarecida. Cabe ao ser humano manter-se sempre vigilante, sempre atento aos deveres, convencido de que, se deixar de cumpri-los numa existência, os estará, infalivelmente, acumulando para as subseqüentes.

Se tantas coisas erradas se fazem na Terra é porque os seres humanos não se dão ao trabalho de raciocinar demoradamente antes de praticar qualquer ato, para poderem prever as conseqüências. Por comodismo, por indolência ou preguiça mental,

muitos atribuem aos outros a tarefa de pensar por eles e passam a aceitar como próprias as ideias alheias. Assim nascem movimentos com numerosos seguidores propensos a acreditar no que os outros acreditam ou fingem acreditar, por mais absurdos que sejam os objetivos visados.

Quanto mais exercitado, mais o raciocínio se desenvolve. Daí a necessidade de apuro no pensar. Com o poder penetrante que o raciocínio possui, não é difícil ao leitor distinguir o racional do absurdo, o lógico do ilógico, o certo do errado, e, convicto, divisar o caminho que leva ao esclarecimento espiritual.

Capítulo 9

Desencarnação do espírito

A vida humana está de tal maneira organizada que os acontecimentos ocorrem em época própria, assim considerada quando não são contrariadas as leis naturais no decorrer da existência.

É a violação dessas leis a causa frequente de perturbações e desequilíbrios que, alterando o ritmo natural da vida, acarretam sofrimentos para as pessoas.

A evolução do espírito em corpo humano requer tempo, trabalho, superação dos obstáculos e desprendimento. Normalmente, a desencarnação deverá ocorrer na velhice. Mas, para que isso aconteça, é preciso que o ser cuide da saúde física e mental.

O corpo humano é como a flor ou o fruto: nasce, cresce, viça e fenece. Quando não mais permite condições para a evolução do espírito, impõe-se, pois, uma solução natural que é a desencarnação.

A desencarnação é um fenômeno natural na vida humana. Ela significa o oposto à encarnação. O espírito, ao se romperem os laços que o ligam ao corpo físico, afasta-se com o corpo fluídico e, progressivamente, vai-se desprendendo dos invólucros materiais correspondentes aos campos de manifestação com os quais se envolveu no processo da encarnação. Seu retorno ao mundo de estágio é feito em mais ou menos tempo e depende do estado de

consciência em que se desprende do corpo físico.

À medida que passa de um campo de manifestação para outro mais sutil, o espírito transporta os germes das faculdades e das qualidades que desenvolveu, como resultado do seu viver no mundo físico. Assim procede, de campo em campo, até atingir o mundo de estágio, onde recolhe as informações relacionadas ao seu grau de evolução, como fatores condicionantes para uma nova jornada evolutiva ou determinantes de ascensão espiritual.

Muitos espíritos, após a desencarnação, ficam, pela ação do próprio pensamento, voltados para os acontecimentos da vida terrena e permanecem, temporariamente, presos aos campos que mais condizem com seu estado psíquico. Uns, recolhidos em si mesmos, esgotam anseios gerados em contingências da vida física; outros ficam em estado de perturbação ou enredados nas tramas da vida dos seres encarnados, influenciando-os e constituindo, no seu conjunto, o que se chama astral inferior.

Muitos fatores na Terra, tais como poluição ambiental, mudanças bruscas de temperatura e insalubridade de certas regiões, abalos sísmicos, surtos epidêmicos, abundantes meios de contaminação, vícios de toda espécie, inclusive de drogas, e, ainda, a influência perniciosa dos espíritos do astral inferior contribuem para o falecimento prematuro das pessoas. Além disso, deve-se considerar a existência de determinados fenômenos sociais geradores de conflitos, como a insegurança urbana, e as guerras.

De qualquer modo, a desencarnação antes da época própria representa sempre um lapso na evolução, e um meio de repará-lo é a reencarnação. Mas ela não é de fácil obtenção, por ser grande o número de espíritos a reencarnar, ultrapassando as possibilidades existentes. Daí a necessidade de espera.

Para não perderem tempo, muitos decidem encarnar em meios desfavoráveis, dispostos a enfrentar quaisquer dificuldades. A constatação de que outros espíritos, da mesma classe, ascenderam a classe superior, porque se esforçaram mais e souberam me-

lhor aproveitar o tempo durante a existência na Terra, não deixa de causar-lhes tristeza, não propriamente por essa ascensão, mas pelo fato de não os poderem acompanhar e deles terem de distanciar-se, perdendo o contato com velhos e queridos amigos, companheiros de longas jornadas e muitas e muitas encarnações.

Esse contato, entretanto – sabem-no os espíritos nos seus planos – poderá ser restabelecido. Mas, de que maneira? A resposta é simples: se uma pessoa anda mais devagar que outra que caminha mais depressa, logo se distanciam. E, se a que vai à frente não está disposta a reduzir os passos, a que leva desvantagem terá que aumentar os seus, se quiser alcançá-la. Pois é precisamente isso que fazem muitos espíritos quando tomam a decisão de encarnar, resolvidos a enfrentar as dificuldades da vida terrena, que sabem ser passageiras, para se enriquecerem de conhecimentos e valores morais que os habilitem a ascender à classe evolutiva imediata. Com ânimo forte e redobrado esforço, conseguem recuperar o tempo que perderam e reaproximar-se dos antigos companheiros.

O espírito de uma determinada classe pode observar o que se passa com outros espíritos da sua e das classes anteriores. Não o pode fazer, entretanto, no que se relacione com as classes posteriores.

Uma vez separado do espírito, o corpo físico desintegra-se, cai no domínio das leis químicas e suas componentes passam a constituir outras formas de vida.

É natural o sentimento dos que ficam, diante da ausência dos que partem. O sentimento, sim, o desespero, não. A saudade é compreensível, a mortificação, jamais.

Se a humanidade pudesse compreender que os fatos ocorrem dentro de condições naturais, de acordo com o estado de alma ou sujeitos ao desenvolvimento espiritual de cada ser, não se mortificaria nem se deixaria abater pelo desespero e pelas amarguras a que constantemente se entrega.

O esclarecimento a respeito de como se processa a evolução é

um grande bem, por ser o meio capaz de levar a pessoa a encarar com naturalidade a desencarnação, pelo reconhecimento de tratar-se de acontecimento tão normal no desdobramento da vida quanto a encarnação.

O espírito desencarnado não perde contato com os que aqui ficaram. Através do pensamento, não só os irradia, como, também, recebe deles vibrações mentais. Basta haver sintonia. No entanto, quando o que desencarna permanece preso às influências terrenas, essas irradiações podem, com frequência, ser prejudiciais ao encarnado e se revestirem de um caráter obsedante.

Parentes e amigos precisam, pois, auxiliar o ente querido com pensamentos elevados por ocasião do falecimento, para que o espírito ascenda ao seu mundo de estágio, onde a vida é sentida realisticamente, com plena consciência de sua eternidade, sem as influências perturbadoras do plano terrestre.

Deixada a atmosfera fluídica da Terra, o espírito constata, com alegria, o que fez de bem, e, com tristeza, as ações reprováveis. São então desnecessários e inúteis os pedidos a pressupostos julgadores divinos, para que se compadeçam das faltas por ele cometidas.

É oportuno também esclarecer que locais onde se fazem evocações de seres desencarnados – como são os cemitérios, entre outros – constituem pontos de atração de espíritos do astral inferior, em razão das correntes fluídicas afins formadas pelos pensamentos de desalento dos ali presentes.

Por isso, quando alguém tiver, por exemplo, a obrigação moral de acompanhar um sepultamento deve desviar o pensamento da comunhão enfraquecida e erguê-lo sereno, claro, límpido, consciencioso ao Astral Superior, para que o espírito possa ser encaminhado ao seu plano de evolução, liberto de suas ligações com a matéria e das influências originárias das emoções inferiores existentes no planeta.

Nenhum espírito encarna tendo como ponto de partida o astral inferior. Ele obrigatoriamente passa para o mundo correspondente

à sua classe, e, somente desse mundo, poderá vir a reencarnar.

Não é sem decepção e sofrimento que muitos espíritos veem ruir o castelo de fantasias que construíram na mente com o material oferecido pelo misticismo que ainda predomina. Tão grande é o apego a essas ilusões que nem mesmo em estado de semiconsciência espiritual são capazes de raciocinar, para ter o esclarecimento que tantos benefícios lhes proporcionaria.

Em tal estado – e porque o corpo fluídico lhes dá a impressão do corpo físico – os espíritos ficam a vaguear pela atmosfera fluídica da Terra e se aborrecem com a falta de atenção das pessoas que não se apercebem, é claro, da sua presença. Assim, perturbam-se, perdem a noção do seu estado e ficam numa situação de completa perplexidade. Com o correr do tempo, vão-se familiarizando com o ambiente e travando conhecimento com outros espíritos, em situação idêntica.

Ao penetrarem no astral inferior, os espíritos enxergam o quadro da vida material terrena como sempre o conheceram. Expressando-se, como os demais desencarnados, pela ação do pensamento, como se estivessem falando, podem mesmo ouvir o timbre do som que lhes dá a ideia de ser da própria voz. Esse fenômeno é perfeitamente compreensível: os pensamentos se propagam através de ondas e formas e as condições de comunicação se realizam de acordo com as afinidades vibratórias.

Os espíritos no astral inferior ficam completamente iludidos a respeito da vida, na dependência de serem despertados para ela. E esse despertar não é fácil, se levarmos em conta a influência do ambiente perturbador que os envolve. Sem a lucidez indispensável ao clareamento do embotado senso do dever, conservam-se numa situação inferior à que mantinham quando encarnados, pois reduzem, consideravelmente, a possibilidade de melhorar seu estado espiritual.

Tal situação contribui para que o espírito se acomode no astral inferior por desconhecer os males que lhe advêm dessa perma-

nência num meio de baixa espiritualidade, com a circunstância agravante de armazenar, para resgate futuro, ônus mais ou menos pesados, conforme a atividade a que se entregou nesse ambiente.

Quando o ser humano não possui esclarecimento a respeito da vida espiritual, são as coisas intimamente relacionadas com a matéria que mais o influenciam nos momentos que antecedem e sucedem a desencarnação, da qual comumente não se apercebe. Essa influência é ainda maior quando o espírito viveu dominado pelos vícios, com o pensamento voltado para as ilusões do mundo físico.

Alguns espíritos passam, então, a atuar sobre as pessoas, e essa atuação, quando persistente, acaba por tornar-se obsessiva. É esse o desejo que os leva a permanecer no astral inferior, numa ocupação semelhante à que tiveram como encarnados. Procuram exercer essa atividade onde encontram seres com mediunidade desenvolvida e sem o conhecimento dos recursos de defesa espiritual proporcionados pela disciplina racionalista cristã.

Acontece, porém, que os espíritos em estado de perturbação na atmosfera fluídica da Terra não podem evitar as influências deletérias do ambiente em que estão e, por isso, suas atuações sempre são prejudiciais, qualquer que seja o grau de evolução que tenham alcançado.

No astral inferior, os espíritos dão expansão aos vícios que alimentaram em corpo humano. Assim, se têm vontade de fumar, aproximam-se das pessoas que estão fumando e experimentam, por indução, o mesmo “prazer” que elas sentem. De igual modo procedem com relação aos demais desejos, daí se concluindo que os seres possuidores de vícios podem servir, como instrumentos inconscientes, à satisfação de práticas viciosas alimentadas pelos espíritos do astral inferior.

Há, ainda, um ponto a esclarecer: nem sempre os desejos viciosos partem das próprias pessoas. Muitas vezes são os obsessores viciados que as acompanham que os despertam, e as intuem para saciá-los.

A gravidade da assistência de espíritos do astral inferior não está somente em o ser humano sujeitar-se às más influências intuitivas que resultam em desatinos, em ressentimentos infundados, em conflitos domésticos, em prevaricações e infidelidades. Há também o risco de acidentes e desastres motivados pelo estado de perturbação a que eles podem fazer chegar seus assistidos. A esses males, acrescenta-se o enfraquecimento do sistema de autodefesa do organismo, podendo levar as pessoas a contrair doenças ou agravá-las.

A perversidade com que podem agir os espíritos do astral inferior é quase ilimitada. À ação danosa desses espíritos são devidos muitos e muitos infortúnios.

Como os espíritos do astral inferior não ignoram que todos os seres possuem mediunidade intuitiva, dela se aproveitam para incutir em suas mentes ideias absurdas e disparatadas. Daí a razão de certas pessoas terem mania de perseguição, de algumas verem as coisas sempre pelo lado negativo, de outras se suporem vítimas de doenças diversas.

Cumprе acentuar – e isto é da maior importância – que nem todos os males de que é vítima a humanidade são produzidos pela ação dos espíritos do astral inferior. Cada ser humano possui tendências, temperamento, modo particular de sentir e ver as coisas, livre-arbítrio para tomar decisões e individualidade própria. A ele cabe, por conseguinte, a responsabilidade direta pelos sucessos ou fracassos que tiver na vida.

Se é verdade que os espíritos do astral inferior são atraídos por pensamentos afins e intervêm na vida das pessoas causando diversos males ou agravando os já existentes, não é menos verdade que elas podem defender-se perfeitamente deles com as poderosas armas do pensamento e da vontade.

Na Terra, há seres que governam e outros que são governados. Antes de alcançarem seus mundos de estágio, muitos desses espíritos, quando desencarnam, permanecem na atmosfera fluídica da Terra conservando as mesmas inclinações de mando e

de obediência. Formam-se, assim, as falanges de espíritos obsessores, sempre dirigidas por um chefe. Se ele é perverso, também o são os seus seguidores, pois o que os une é, precisamente, a afinidade de sentimentos. As falanges formadas coordenam suas atividades prejudiciais com as dos indivíduos que se entregam no viver terreno às mesmas práticas.

As falanges que se dispõem a colaborar nos mais requintados atos de incivilidade assistem aos indivíduos mais violentos e perversos, do mesmo modo que outras falanges, de instintos menos agressivos, assistem aos de sentimentos idênticos, inclusive os que mercadejam com a credulidade alheia.

A grande maioria dos suicídios, dos casos de loucura, das desavenças, das discussões, das agressões, das intrigas, das arruaças, das desordens, dos conflitos e das convulsões motivadas por paixões é incitada pelo astral inferior. Os espíritos que permanecem nesse ambiente estão, em sua maioria, envolvidos em fluidos densos, impregnados de correntes vibratórias negativas como a corrupção, a mentira, a inveja, a ingratidão, a hipocrisia, a traição, a falsidade, o ódio, o ciúme e outros sentimentos equivalentes. Na tentativa de envolver as pessoas incautas, agem, frequentemente, com manha e brandura, falseando os mais puros e nobres sentimentos e as mais doces e melodiosas expressões de amor ao próximo.

Não se pense que no astral inferior impera somente a maldade. No mesmo ambiente de almas desvirtuadas encontram-se outras que tiveram a intenção de serem boas em vida física. No entanto, é bom insistir que esses espíritos pouco podem fazer de útil à humanidade. A razão facilmente se compreende: suas melhores intenções são neutralizadas pela ação fluídica do ambiente.

Somente no mundo relativo à classe a que pertencem, para onde terão de seguir antes de voltarem a encarnar, é que os espíritos livres de toda perturbação alcançam plena lucidez.

Todavia, é erro supor que todos os espíritos que desencarnam ficam no astral inferior. Muitos ascendem imediatamente aos

mundos de sua classe sem se deter na atmosfera fluídica da Terra. Esses são os que souberam viver espiritual e materialmente, os que viram no trabalho honrado uma das sérias razões da vida.

Os seres que assim vivem atraem, frequentemente, as Forças Superiores, que os assistem, principalmente no momento do falecimento, auxiliando seus espíritos a trasladar-se para os mundos a que pertencem.

Onde quer que se encontre uma pessoa a irradiar pensamentos de alto valor, aí está um polo de atração, um instrumento de apoio à ação das Forças Superiores para sua obra de saneamento do planeta, com vários pontos de apoio na Terra, pois, sem tal apoio, o trabalho seria mais difícil ou mesmo impossível. São exemplo as casas racionalistas cristãs, onde se formam correntes fluídicas pelas vibrações do pensamento de pessoas esclarecidas a respeito dos seus deveres espirituais. Para isso, conservam a mente limpa e se mantêm em condições de reagir contra qualquer influência maléfica. Com o auxílio dessas correntes, os espíritos do Astral Superior penetram na atmosfera fluídica da Terra, arrebatando espíritos do astral inferior de toda espécie.

Já sabemos que o espírito realiza seu progresso reencarnando neste planeta, até alcançar os mundos diáfanos de estágio. Daí em diante a evolução se processa em plano espiritual mais elevado – o Astral Superior. Ali não se conhecem cansaço, indolência ou displicência nem se deixa para depois o que deve ser feito no momento exato. A fadiga resulta de trabalhos materiais, que não atingem o espírito. Entre outros muitos deveres, têm os espíritos do Astral Superior o de contribuir para o progresso dos seres humanos, respeitando o livre-arbítrio de cada um.

O estabelecimento de polos de atração suficientemente fortes facilita a ação dos espíritos do Astral Superior no planeta Terra. Para isso, além dos seres humanos esclarecidos que lhes servem de apoio, contam com o concurso de espíritos dos mundos opacos que estão a seu serviço. Esses espíritos deveriam fazer sua evolução

reencarnando, como geralmente acontece. Tantas foram, porém, as encarnações mal aproveitadas e tamanhos os sofrimentos por que passaram que se decidiram a trabalhar em plano astral, embora sabendo ser ali bastante lento o progresso espiritual. Entretanto, pesa a favor desse processo a circunstância de não haver perda de tempo, como acontece na Terra, onde milhões e milhões de pessoas se deixam dominar pelas ilusões da vida material.

Os espíritos que estagiam nos mundos opacos possuem corpos fluídicos compostos de matéria ainda um pouco densa e com eles podem locomover-se, facilmente, na atmosfera fluídica da Terra, rigorosamente disciplinados pelo Astral Superior. Essa atividade é muito valiosa, já que podem penetrar em quaisquer ambientes, por piores que sejam.

Os espíritos dos mundos opacos oferecem, ainda, estreita colaboração durante as reuniões públicas e de desdobramento realizadas nas casas racionalistas cristãs, para que as Forças Superiores possam promover grandes limpezas psíquicas na atmosfera fluídica da Terra, dela arrebatando espíritos, alguns deles perversos obsessores.

Enganosos aspectos da vida material podem envolver o espírito, mas apenas enquanto encarnado ou no astral inferior. No seu mundo de estágio a vida real se apresenta com limpidez, livre de todas as influências e ilusões terrenas. Nele os deveres têm uma só interpretação, não havendo, por isso, sofismas, modos de ver, alternativas, situações dúbias, vacilações, dúvidas ou incertezas. Dever firmado é dever cumprido.

Nos mundos de estágio, os espíritos se preparam para cumprir nova etapa do seu processo de crescimento. Os que pertencem a determinado plano estão no mesmo nível de desenvolvimento.

Já no mundo-escola, como é a Terra, interagem espíritos de diferentes classes, que aí se mesclam, se auxiliam, se confraternizam e trocam conhecimentos, proporcionando, assim, vasta gama de experiências aos que nele convivem. Grande é o papel

que essa desigualdade de valores representa no processo evolutivo da humanidade. É tão importante, tão valiosa, tão necessária, que até os membros de uma mesma família são, em regra, de graus diferentes de espiritualidade, relembramos ao leitor.

Nenhum detalhe, nenhum movimento, nenhum fato referente às encarnações anteriores deixa de ser objeto de análise do espírito. Pela ação vibratória do pensamento, ele tem gravado em matéria fluídica, com a mais absoluta fidelidade, todos os atos de cada encarnação, desde sua origem, e continua gravando-os eternamente como se fossem filmes cinematográficos, cujas cenas podem ser vistas em qualquer época e a qualquer momento.

Tão logo retorna ao mundo a que pertence, o espírito revê toda a encarnação passada. Examina-a, detida e minuciosamente, faz confrontos, observa o que realizou nas encarnações anteriores, analisa e estuda a posição em que se encontra, com o fim de estabelecer um novo plano para sua evolução.

Capítulo 10

Mediunidade e médiuns – Fenômenos físicos e psíquicos

Uma das faculdades do espírito que mais reclama atencioso e demorado estudo é a mediúnica, da qual, aos poucos, as organizações científicas já começam a se ocupar. É essa, sem dúvida, uma área do conhecimento que será cada vez mais estudada com o progressivo desenvolvimento espiritual da humanidade.

A mediunidade é uma forma de perceber coisas, fatos ou fenômenos, além do que possibilitam os sentidos humanos. Ela se manifesta através de múltiplas maneiras, em diferentes graus de percepção, de acordo com a sensibilidade espiritual de cada um, sendo, também, uma faculdade inata em todos os seres humanos, sem exceção, que dispõem, pelo menos, da mediunidade intuitiva, a qual varia, ainda assim, de pessoa para pessoa, de conformidade com o desenvolvimento que vai obtendo nas múltiplas existências.

Sempre útil quando bem aproveitada, a mediunidade é altamente nociva se colocada a serviço do mal. Os bons ou maus pensamentos se atraem na razão direta da sua afinidade, sendo o instrumento de captação a faculdade mediúnica.

A atmosfera fluídica da Terra está repleta não só de espíritos como de pensamentos, daí resultando as vibrações de correntes distintas, umas favoráveis e outras desfavoráveis ao progresso espiritual.

Qualquer pessoa de caráter bem formado que mantenha o pensamento voltado para as realizações úteis e alimente o desejo sincero de progredir espiritualmente, esforçando-se por alcançar esse alto objetivo, terá a envolvê-la as correntes do bem, fortalecidas pela irradiação das Forças Superiores. Com essa benéfica assistência, o êxito é mais fácil.

Quando a pessoa se predispõe à prática do mal, suas vibrações espirituais estabelecem os polos de atração das correntes afins do astral inferior e passam, então, os obsessores, valendo-se da mediunidade intuitiva desse ser, a influenciá-lo mentalmente, para levá-lo a cometer desatinos.

O fato, em si, não tem nada de extraordinário: as más intenções refletidas nos pensamentos encontram, na atmosfera fluídica da Terra, correntes organizadas que se casam com tais intenções, pela identidade formada entre vibrações de mesma natureza.

Os que – ricos ou pobres, humildes ou poderosos – vivem à margem dos bons preceitos morais; os que praticam, oculta ou ostensivamente, ações indignas; os que trazem presa ao rosto a máscara da bondade e escondem na alma as mais feias vilanias; os assassinos, os ladrões, os vigaristas, os salafrários, os traidores, os desleais, os falsos, os hipócritas, os mentirosos, os valentões, os desordeiros, os pusilânimes, os vadios e todos os patifes não passam, na maioria, de seres escravizados a obsessores que os tornam instrumentos dóceis da sua vontade e os levam a praticar as mais abomináveis ações.

Os espíritos obsessores encontram todas as facilidades no ambiente da vida física, em virtude da mediunidade dos seres e da corrente de apoio que os maus pensamentos humanos lhes propiciam.

Quanto mais desenvolvida tiver a mediunidade, tanto maiores são os perigos a que a pessoa está exposta no seu viver cotidiano. É de máxima importância, por isso, que cada uma se esforce por conhecer o grau de desenvolvimento da sua faculdade me-

diúnica, a fim de poder orientar-se, com acerto, no controle dos pensamentos.

Muitos loucos são médiuns que chegaram à obsessão por não terem noção da sua faculdade mediúnica. A loucura é, via de regra, produto do desconhecimento da vida espiritual. Por esta razão, faz-se necessário que as pessoas estudem a mediunidade sob os seus vários aspectos e peculiaridades, para se conscientizarem de que precisam imprimir orientação sadia às suas vidas.

Não há somente a mediunidade intuitiva, que é comum a todos os seres humanos. Existem outras, peculiares apenas a certas pessoas. As modalidades mediúnicas que mais se observam neste mundo são a intuitiva, a olfativa, a vidente, a auditiva, a psicográfica e a de incorporação, com os correspondentes fenômenos de desdobramento, de materialização, de levitação e de transporte.

A faculdade mediúnica varia, em suas manifestações, de pessoa para pessoa, de acordo com o seu temperamento, o sentimento que a anima e o seu grau de sensibilidade.

Devido à abrangência da mediunidade intuitiva, que, insistimos, é comum a todos os espíritos que se encontram na Terra em evolução, neste livro o termo “médium” é apenas aplicado aos que possuem mais de uma modalidade mediúnica.

Denomina-se mediunidade de incorporação aquela em que a ação do espírito atuante é facilmente notada sobre o corpo físico do médium. Se muitas das faculdades mediúnicas podem passar despercebidas, o mesmo não acontece com a de incorporação, cuja observação a ninguém escapa no momento da atuação.

Poderão dar-lhe outros nomes, atribuir-lhe outras causas para justificar o ignorado, mas a verdade é uma única e, mais cedo ou mais tarde, o reconhecimento da mediunidade, como faculdade espiritual, terá de impor-se, pela sua evidência, como todas as coisas palpáveis da Terra.

Nesta obra, dá-se mais atenção à mediunidade de incorporação, em virtude de possuírem essa modalidade mediúnica os

médiuns que prestam serviços nas casas racionalistas cristãs.

O médium de incorporação nem mesmo precisa concentrar-se para receber a influência dos espíritos do astral inferior, pois sua sensibilidade está de tal forma predisposta que lhe basta a ação do pensamento para ser brutal ou brandamente atuado, conforme os sentimentos que animarem o obsessor atuante.

Na mediunidade de incorporação, o espírito age sobre o médium, transmitindo vibrações do plano sutil em que se encontra para o plano físico. Há um entrelaçamento de natureza fluídica que propicia a comunicação entre os dois planos. Nas casas racionalistas cristãs essa tarefa é conduzida pelas Forças Superiores, que tudo superintendem, e o médium sabe que está sendo atuado. Como, porém, não perde o controle de si mesmo, deixa de proferir as inconveniências acaso captadas, quando transmite pensamentos captados de espíritos do astral inferior.

Na mediunidade intuitiva, esse casamento fluídico, mais intenso, não se faz necessário. As intuições surgem como ideias que a pessoa, frequentemente, confunde com seus próprios pensamentos.

Em todas as camadas sociais há seres que possuem, sem o saber, além da intuitiva, a mediunidade de incorporação. Por se conservarem nesse alheamento espiritual, umas acabam praticando o suicídio, outras desaparecem em desastres, muitas superlotam os hospitais, as cadeias e penitenciárias, e grande parte delas, com a faculdade menos desenvolvida, vive a provocar desordens, a perder-se no jogo, a deprimir-se nas drogas e a arruinar-se na sensualidade desenfreada.

Os espíritos que perambulam no astral inferior rapidamente identificam as pessoas que possuem a mediunidade de incorporação, ao notarem a facilidade com que recebem as suas vibrações danosas, o que não se dá com as demais. Com isso, a que for dotada dessa faculdade será, fatalmente, vítima de tais espíritos, se não estiver esclarecida sobre a vida espiritual e preparada para repelir influências maléficas.

No astral inferior, encontram-se os espíritos alcoviteiros, intrigantes, desleais, facciosos, amantes de discussões, que acham, na mediunidade de incorporação das pessoas portadoras dessa modalidade mediúmica, campo aberto para satisfazer os desejos malignos que alimentam e saciar as suas más paixões, onde a disciplina preconizada pelo Racionalismo Cristão não é praticada.

É bom não se perder de vista que os afins se atraem e que cada um se revela de acordo com o seu modo de pensar. Quem gosta da maledicência, da intrujice, do mexerico, produz pensamentos correspondentes e atrai obsessores de igual gosto. Se o autor de tais pensamentos é médium de incorporação, a situação se torna muito mais grave, por ficar sujeito a receber constantes cargas dos espíritos obsessores afins que o incitam contra os seus desafetos e contra os inimigos dos próprios obsessores.

A disciplina do pensamento, que é prática indispensável a todos, muito mais deve ser, ainda, aos médiuns. Esses, embora muitas vezes bem-intencionados, podem tornar-se vítimas de ciladas de espíritos do astral inferior e cometer desatinos de graves consequências.

O médium precisa saber selecionar as pessoas de suas relações e evitar conversas impróprias. As preocupações demasiadas e os trabalhos excessivos não são recomendáveis. Deve cuidar-se física e espiritualmente, para manter em boa forma a capacidade de reação contra o desânimo e o desalento.

O trabalho, além de constituir forte estímulo para o corpo físico, é a mais proveitosa das distrações para o espírito, cuja atenção deve estar constantemente voltada para coisas úteis e honestas.

Não há dúvida de que todos têm necessidade de descanso, repouso e recreação nas horas próprias. Nunca, porém, deverá alguém entregar-se à ociosidade, sempre prejudicial, principalmente em se tratando de médium.

Para ingressarem nos trabalhos da doutrina racionalista cristã, os médiuns precisam ter vida rigorosamente disciplinada, a fim de

se manterem, material e espiritualmente, em plena condição de equilíbrio e de saúde, para bem cumprir seus delicados deveres.

A discussão acalorada constitui forte ímã de atração dos espíritos do astral inferior. Dela nascem o desentendimento, a mágoa e o ressentimento, que tanto contribuem para destruir a harmonia e a afetividade.

Os médiuns, por serem muito sensíveis e vibráteis, deixam-se facilmente empolgar com o que os outros dizem ou fazem e com o que se ajuste ou choque com as emoções do seu temperamento. Daí a necessidade de precisarem de esclarecimento espiritual, para saberem defender-se do envolvimento com forças maléficas e que têm, como ponto de apoio, os milhões de médiuns incautos desconhecedores da sua faculdade, dispersos neste planeta.

As recomendações aqui mencionadas dirigem-se a todos os seres, especialmente a limpeza psíquica no lar, prática de higiene mental que objetiva afastar espíritos do astral inferior, que dão preferência aos médiuns, para sobre eles exercerem ação perniciososa e obsedante. O exercício diário da limpeza psíquica contribui para que as pessoas conservem a mente limpa e divisem com clareza os caminhos a tomar na resolução dos problemas vitais. Além disso, as práticas dessas normas disciplinares favorecem a formação de uma personalidade serena, confiante e esclarecida, indispensável ao exercício da mediunidade.

Quem desenvolve a mediunidade fora da disciplina aconselhada pelo Racionalismo Cristão corre todos os riscos, inclusive o da loucura. A garantia do médium está precisamente em saber resguardar-se da ação dos espíritos do astral inferior, para não se tornar instrumento inconsciente a serviço da perversidade e da mistificação dessas forças do mal.

Nem todos os médiuns chegam a poder desenvolver a sua faculdade sob a segurança da disciplina preconizada pelo Racionalismo Cristão. Nesse caso, não devem desenvolvê-la. Conservem-na como está, apenas conscientes do grau de sensibilidade que

lhes é adicional. Essa sensibilidade é utilíssima no sentido de poderem perceber coisas que se passam, sem que sejam relatadas. As aspirações, as intenções, as maquinações trabalhadas pelos pensamentos ficam registradas no espaço, e podem ser percebidas pela sensibilidade supervibrátil do médium.

Conquanto todos os médiuns não se possam servir das correntes fluídicas organizadas pelo Astral Superior para o seu desenvolvimento, dispõem, no entanto, dessa magnífica modalidade sensitiva para transmitir conselhos previdentes, evitando a prática de atos prejudiciais. Contudo, é condição primordial que o médium leve vida sã, sob a inspiração dos ensinamentos racionalistas cristãos, para evitar que seja intuído pelo astral inferior e se sinta desmoralizado com a aceitação das mistificações dos obsessores.

Assim sendo, reafirmamos: para viver com aproveitamento, o leitor precisa conhecer-se a si mesmo, partindo do princípio básico e fundamental de que é um composto de Força e Matéria. A Força é o espírito. A Matéria – o corpo humano – é apenas o veículo, o instrumento, o meio de que o espírito se serve para promover sua evolução na Terra.

A Matéria não tem faculdades. Essas, que são inumeráveis, pertencem todas ao espírito, convindo assinalar que somente pequena parte delas é revelada na vida terrena.

Portanto, a faculdade mediúnica é das mais importantes, pela influência que exerce na existência de cada um.

Os fenômenos físicos, apesar de diferirem, em sua classificação, dos de natureza psíquica, são ocasionados pelo mesmo poder criador e possuem, em essência, uma origem comum. Como o Universo se compõe de Força e Matéria, tanto nas manifestações físicas quanto nas psíquicas, o agente é sempre um – a Força Criadora – a apresentar-se de múltiplas maneiras.

A exteriorização da Força, quer obedecendo às leis do plano físico, quer do psíquico, não ultrapassa os limites da fenomenologia

normal enquadrada nas leis naturais, e fornece preciosos elementos, na órbita da espiritualidade, para estudos transcendentais.

Os sentidos mais comuns que se observam no organismo humano – como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar – não se originam, como muitos erroneamente pensam, no corpo físico, mas no espírito, que os exterioriza por meio de órgãos adequados, que não funcionam sem as vibrações e o impulso que lhes são transmitidos, semelhantemente ao violino cujas cordas, para produzirem sons, precisam ser tangidas pelo violinista com o arco.

Nem todas as faculdades podem ser manifestadas pelo espírito, enquanto encarnado. O sentido telepático, comum no plano astral, é uma dessas faculdades. Na situação atual do mundo ela seria bastante perigosa, já que se constituiria numa válvula de retenção das imperfeições humanas, que precisam ser conscientemente combatidas e não guardadas no âmago do ser.

Nos mundos que lhes são próprios, os espíritos se entendem pelos pensamentos. Na Terra, por muito e muito tempo, a linguagem articulada ainda perdurará como forma de as pessoas exteriorizarem os pensamentos.

Os fenômenos psíquicos se manifestam de acordo com o grau de evolução e as peculiaridades de cada espírito. A mediunidade, que se expressa por várias formas, traz ao conhecimento humano inequívocas demonstrações desses fenômenos. Isso porque a sensibilidade dos médiuns é mais apurada do que a dos demais seres, o que lhes permite entrar em contato com as vibrações do plano psíquico. As vibrações harmônicas, ou que se casem e ajustem, associam-se entre si.

O médium é o elemento de ligação dos dois planos – o físico e o astral – sendo essa a razão de se revelarem por seu intermédio os fenômenos psíquicos.

Quanto mais sensível a pessoa, maiores possibilidades tem de captar vibrações. Dessas vibrações, que são diferentes umas das ou-

tras, a atmosfera fluídica da Terra está repleta, podendo cada vibração captada produzir uma revelação ou fenômeno correspondente.

As retinas dos olhos humanos podem captar as vibrações da luz solar, mas não as da luz astral, a não ser quando intervém o médium com sua sensibilidade, através do fenômeno, muito conhecido, da vidência.

Independentemente da modalidade mediúnica que possuam, os médiuns podem, em determinadas condições psíquicas, desdobrar-se, e esse fenômeno, desde que praticado disciplinarmente, é de grande utilidade.

Entende-se por desdobramento o afastamento do espírito e do seu corpo fluídico do corpo físico do médium, por alguns momentos, ficando a ele ligado por cordões fluídicos, conforme é explicado em detalhe no Capítulo 8 deste livro, intitulado “Encarnação do espírito”.

O que se dá com todas as pessoas durante o sono ocorre com o médium acordado, em trabalhos de desdobramento. A segurança dos instrumentos mediúnicos, nesse caso, é assegurada pelas Forças Superiores que dirigem do plano astral os desdobramentos realizados nas casas racionalistas cristãs. O trabalho das Forças Superiores constitui uma das mais notáveis realizações no campo da espiritualidade, pelos resultados benéficos em favor da humanidade.

Dentre os fenômenos de ordem psíquica, são as materializações, as levitações e os transportes de objetos sem contato os que mais impressionam as pessoas alheias aos poderes espirituais. Alguns desses fenômenos são produzidos por espíritos galhofeiros do astral inferior que, agindo invisivelmente, arremessam objetos e produzem ruídos, ou por indivíduos a eles aliados que fazem mau uso da faculdade mediúnica para obter vantagens, geralmente pecuniárias.

Não são raros também os médiuns que assim procedem, em condenáveis práticas, com o intuito de alcançar efeitos sensacionistas, como há outros que andam por aí mergulhados em prá-

ticas espíritas que só avassalam a alma, interessados em atrair os incautos desconhecedores do que é o espiritualismo elevado.

É sabido que a matéria física tem como menor partícula, que conserva as propriedades químicas de um elemento, o átomo, de ínfima dimensão, imperceptível à visão normal do ser humano. Mas, como a sua existência é real, ele aí está compondo e formando todos os corpos e passando, invisivelmente, de um para o outro, sob a ação de uma força.

É óbvio que a força que conduz um átomo transporta incontável número deles, sem alterar o equilíbrio universal. As leis que imperam nesta ocorrência são do plano astral, independentes das que se conhecem no mundo físico.

Todos podem sentir neste planeta o resultado dos fenômenos naturais que decorrem da ação da Força Criadora, agindo, combinada e equilibradamente, no concerto harmônico do Universo.

Ao ser humano em geral não é difícil constatar a força de gravidade e a força magnética existentes na Terra, que juntas a outras, menos perceptíveis, mantêm o planeta em perfeito equilíbrio. Com intensidade dosada pela Inteligência Universal para manter a estabilidade do Todo, essas forças atuam diretamente sobre os demais corpos que, de forma coordenada, se movimentam incessantemente no espaço.

Isso quer dizer que as forças que atuam para produzir fenômenos psíquicos são originadas pela ação de espíritos, por serem partículas da Inteligência Universal, da qual possuem poderes congêneres, porém limitados ao estado de evolução já alcançado.

De acordo com seu desenvolvimento, conta o espírito com suficiente força para, pela ação do pensamento, modificar ou alterar determinadas condições físicas. Os fenômenos psíquicos – é bom que isto fique bem claro – realizam-se pela ação do pensamento de espíritos encarnados ou desencarnados, agindo isolada ou conjuntamente.

A levitação situa-se em tal caso, pois somente é possível quando a força do pensamento for suficientemente intensificada para anular a força de gravidade que atua sobre um corpo. Quando isso acontece, o corpo, assim levantado, passa a pairar em qualquer ponto do espaço, em obediência à força que o mantém. Uma segunda força, também oriunda do poder do pensamento, pode ser aplicada para dar movimento direcional ao corpo.

De igual modo são operadas as materializações. Na levitação e no transporte operam forças do pensamento que se contrapõem à da gravidade e imprimem movimento. Nas materializações, além dessas duas, existe mais a que interfere na força de coesão existente entre os átomos, anulando-a no ato da desmaterialização e utilizando-a, em seguida, na materialização.

Em tais fenômenos nada há de sobrenatural. O que ocorre, em verdade, são simples manifestações da Força, em suas numerosas realizações.

E, note-se: o que aqui está mencionado, com relação aos poderes espirituais, nada mais representa que uma parcela ínfima daqueles que o espírito terá quando alcançar um alto grau de evolução e passar a desenvolver-se nos elevados domínios do Astral Superior.

Por ser força e poder, o espírito cresce em potencial à medida que evolui, e na proporção dessa evolução. Seus pensamentos se traduzem em ideais tanto mais altos quanto maior for a concentração desses poderes.

Capítulo 11

Obsessão

Sendo um dos males de que mais sofre a humanidade, o perigo maior da obsessão está precisamente em não ser percebida, nos seus aspectos menos chocantes, pela falta de conhecimento sobre as atividades dos espíritos nos diversos planos astrais, sobre as faculdades mediúnicas e outros assuntos relacionados aos princípios espiritualistas que o Racionalismo Cristão difunde.

A obsessão pode apresentar-se de forma sutil, amena, periódica, permanente, branda ou violenta. Nas formas sutis e amenas, manifesta-se por manias, pavores, esquisitices, fobias, cacoetes, exotismos, paixões, fanatismos, covardia, indolência e por todos os excessos, como os sexuais, os de comer, os de rir ou de chorar, e muitos outros.

No Capítulo 10 deste livro, intitulado “Mediunidade e médiuns – Fenômenos físicos e psíquicos”, vimos como agem os espíritos obsessores sobre as pessoas que os atraem com pensamentos afins. Apesar de toda a ação deletéria que espíritos do astral inferior exercem sobre a humanidade, forçoso é reconhecer que a culpa da obsessão cabe, em grande parte, às próprias vítimas, por haverem, quando sãs, alimentado pensamentos e praticado ações com que formaram as correntes de atração em que se apoiaram os obsessores.

Pensamentos de perversidade, de vingança, de ódio e outros semelhantes vibram em todas as direções na atmosfera fluídica da Terra, estabelecendo imediato contato entre quem os emite e os espíritos obsessores. Os fatos do cotidiano isso confirmam.

As baixas camadas do astral inferior estão ligadas, por estreita afinidade, às pessoas mal-humoradas, às vingativas, invejosas, irritadas e desonestas, assim como àquelas que alimentam fraquezas e vícios. Essas pessoas, ainda mesmo quando não aparentem estar obsedadas, criam clima profundamente danoso a si mesmas, aos membros das famílias e àqueles com quem convivem, forçados, uns e outros, a participar do mesmo ambiente, sem os esclarecimentos capazes de minimizar os efeitos perniciosos da má assistência astral. O resultado é, quase sempre, a perturbação ou obsessão, em qualquer das formas, branda ou violenta.

Nem sempre o espírito obsessor tem consciência do mal que produz. É também vítima dos erros que praticou quando encarnado, pelo desconhecimento da vida espiritual. Essa lamentável falta de conhecimento o fez prisioneiro na atmosfera fluídica da Terra, levado por falsas crenças e persuadido de que nada mais existe para os que desencarnam, além do ilusório meio em que passaram a viver. Procura, então, desenvolver qualquer atividade nesse ambiente, passando a intuir os que foram seus parentes, amigos e conhecidos, supondo que pratica boa ação, ou por sentir prazer nessa atividade.

Tais intuições, se bem aceitas, fornecem estímulo para outras, estabelecendo intensa coparticipação dos espíritos do astral inferior com pessoas que têm pensamentos afins. Quando isso acontece, a porta para a obsessão está aberta.

Os obsessores, sempre que a afinidade for intensa, não se apartam da vítima, pelo prazer que têm de permanecer onde se sentem bem. Quando a obsessão é provocada por espíritos que foram inimigos do obsedado na Terra, a ação perturbadora é exercida com maior violência contra ele, tornando-se mesmo comuns crises furiosas.

No Capítulo 9 deste livro, intitulado “Desencarnação do espírito”, vimos que a concepção da morte resulta de conceito da vida completamente equivocado. Na verdade, morte não existe. O espírito é imperecível, não morre. Apenas o corpo físico se extingue, quando ocorre a desencarnação do espírito. Logo, as pessoas devem esforçar-se por se refazer, o mais depressa possível, do choque causado pelo falecimento de parentes e amigos, para não se enfraquecerem espiritualmente. Diz a sabedoria popular, com justa razão, que “não tem remédio o que remediado está”. É inútil alguém permanecer a lamentar uma situação passada, a se mortificar. A preocupação deve estar voltada para o presente, do qual depende o futuro.

Pensar é atrair. Todos os que se prendem pelo pensamento a espíritos desencarnados que se conservam no astral inferior não só os estão atraindo e perturbando, como retardando o seu deslocamento para o mundo de estágio espiritual a que fazem jus, estimulando-os a permanecer em contato com as coisas terrenas, inclusive os problemas da vida familiar, e concorrendo para torná-los obsessores.

Convém insistirmos: os espíritos que levaram em vida física uma existência irregular, materializada e abundante de erros permanecem no astral inferior, não raro por longo tempo, muitos agindo perversamente contra os seres incautos. Sua preocupação é a intuição para o mal. Servem-se, para isso, de pessoas de vontade fraca, que usam como instrumentos passivos para a consumação dos seus atos. Daí os homicídios, os suicídios e tantas outras calamidades sociais. Esses espíritos atuam isoladamente ou em falanges obsessoras bem adestradas, para melhor alcançar seus objetivos. Suas organizações possuem vigias atentos, escalados em vários lugares, prontos para dar o sinal no instante preciso e para promover a convocação de outros obsessores, para a ação em conjunto.

Como a união faz a força, obtêm, geralmente, resultados satisfatórios sobre os seres desprevenidos e alheios às suas tramas,

ora obsedando-os, ora levando-os a cometer tresloucadas ações, com os sentidos inteiramente perturbados.

Tal esclarecimento contribui para que as pessoas possam evitar a influência obsessora e para impedir que forças externas interfiram em seu eu espiritual e seus atos. Os conhecedores da vida espiritual, que têm consciência do valor das poderosas forças que se chamam vontade e pensamento, são capazes de manter distância dos obsessores.

Relembramos ao leitor que são vários os caminhos que levam à obsessão, perturbação psíquica causada pelo mau uso do livre-arbítrio, pela vontade mal educada, pelos desregramentos sexuais, pelo descontrole nos atos cotidianos, pelo nervosismo irrefreável, pelos desejos insuperáveis, pela ambição desmedida, pelo temperamento voluntarioso.

É oportuno também lembrarmos que, ao fazer mau uso do livre-arbítrio, o ser humano contraria as leis naturais que servem de parâmetro para um viver mais útil e equilibrado. Essa faculdade – o livre-arbítrio – assegura a cada um o direito de conduzir-se por si mesmo, com liberdade e independência de ação, como convém aos seres dotados de raciocínio, mas torna-o responsável por todos os atos que pratica.

Com o raciocínio bem exercitado na solução dos problemas que constantemente se apresentam, tendo sempre em mente o aspecto honrado da questão, todos podem manter-se dentro das regras de boa conduta, fazendo, assim, uso adequado do livre-arbítrio. Os que se afastam desse caminho fazem-no porque querem, porque se deixaram enfraquecer, e o enfraquecimento enseja a atração de espíritos do astral inferior que, em maior ou menor espaço de tempo, acabam por produzir a obsessão.

A vontade mal educada provém da indolência, da indiferença e da negligência para com as coisas sérias da vida. O indolente está sempre à espera de que outros façam o que ele próprio deve fazer. Não gosta de horários e tem horror à disciplina. Inimigo

do trabalho e da ordem, nada faz pelo progresso. Está, por isso, situado no plano dos parasitas. Enquanto o mundo exige atividade, dinamismo e ação, o indolente observa o que se passa, sem vontade de participar ativamente do movimento que reclama a sua presença.

Ninguém se pode eximir do dever de trabalhar e de procurar no trabalho a verdadeira satisfação da vida. O Universo inteiro é uma oficina de trabalho permanente, em que todos precisam ser operários ativos e diligentes. Os que assim não procedem ficam colocados espiritualmente num plano inferior da vida e, além de perderem precioso tempo no processo de evolução, se associam a espíritos do astral inferior, com os quais se envolvem, por força da lei de atração.

Nos desregramentos sexuais estão os germes do materialismo obsedante, cujos pilares são a luxúria e outros vícios. Subjugado a esse estado, o ser humano dá expansão aos seus instintos embrutecidos, proporcionando franco acolhimento aos espíritos do astral inferior, seus afins, que concorrem para obsedá-lo.

Todos os atos cotidianos precisam ser executados com critério e honestidade. A organização social obedece a esquema cujos traços principais definem a posição que as pessoas devem adotar no intercâmbio das relações humanas, sem perder de vista o respeito próprio e o devido ao semelhante. Para esse fim, é importante terem controle nas atitudes, domínio sobre si mesmas e o raciocínio em ação. O descontrole em atos e palavras, além de gerar ofensas e, muitas vezes, arrependimentos, dá causa a frequentes ressentimentos que demoram a passar e criam antipatias e inimizades.

Os espíritos do astral inferior gostam de aproveitar-se dos seres descontrolados e irritadiços, que não pensam antes de falar, para se divertir com os efeitos de sua atuação. Pessoas descontroladas são, pois, instrumentos do astral inferior e, se não estão obsedadas, caminham para a obsessão.

O nervosismo desenfreado traz a irritação, a intolerância, a irreflexão e a imprudência, males que conduzem a deplorável estado psíquico, pelo que deve ser severamente controlado, por ser o agente de perturbação que mais facilita a atuação de espíritos obsessores.

O portador de distúrbio emocional geralmente cuida pouco da saúde e não se esforça por dominar os seus ímpetos. O resultado é estar sempre caindo nas malhas insidiosas do astral inferior, seguindo o caminho desastrado da obsessão.

Desejos insuperáveis são aspirações inatingíveis. Há indivíduos de desmedida ambição que nunca se contentam com o que possuem. Sempre queixosos, acham que merecem mais, vivendo em permanente estado de insatisfação.

É perfeitamente racional, e até elogiável, que cada um procure melhorar as condições de vida e não poupe esforços para alcançar essa melhoria. Isso não se consegue, porém, com desânimo e lamúrias, que só servem para agravar as situações difíceis e debilitar as energias espirituais.

A ambição sem limites, associada à revolta íntima, produz mau humor, do qual se aproveitam espíritos do astral inferior para atuar sobre os revoltados, inculcando-lhes na mente os mais sombrios pensamentos, capazes de os levar à obsessão e, por via dela, a outros males.

A lei da atração não falha. Todos estão sujeitos ao seu império. O ser humano precisa compenetrar-se da transitoriedade das coisas que pertencem à Terra. A escravização aos valores materiais, tão facilmente perecíveis, além de atrasar a evolução espiritual, tem causado muitos e muitos sofrimentos.

A ambição comedida é natural; a desenfreada, uma forma de obsessão, em que o egoísmo e a egolatria influem decisivamente. Os ambiciosos e descomedidos não olham os meios para obter os fins: lesam, usurpam e açambarcam. Domina-os a ideia obsessiva do ganho rápido, mesmo através de manobras extorsivas. Para

esses, não existem contemplações nem meios-termos. A determinação é avançar. Arquetam golpes ousados, pouco lhes importando que firam os preceitos da moral e da honradez.

O mundo está cheio desses tipos. Estão divididos em dois grandes blocos: um, na Terra, de pessoas agindo com enorme desembaraço e astúcia, e outro, igualmente ativo e astucioso, no astral inferior, composto de espíritos que procediam, neste mundo, como procedem no dia a dia os seus atuais parceiros encarnados. Os dois blocos, intimamente associados, gozam da mesma volúpia que alimenta a obsessão de um e de outro.

O temperamento voluntarioso reflete a personalidade egocêntrica dos que entendem que a razão está exclusivamente do seu lado, e dos que querem impor aos outros as próprias ideias. Esses indivíduos estão frequentemente em choque com os demais, e nada é mais divertido para os espíritos do astral inferior do que assistirem aos choques humanos. Isso assanha os obsessores. Como andam sempre à espera do momento propício que lhes permita a atuação, o indivíduo voluntarioso vive marcado por eles. A cada passo percebem o ensejo de armar um atrito. Na falta de outra ocupação, esta, para eles, é absorvente.

O voluntarioso irrita-se facilmente quando o ponto de vista alheio não coincide com o seu, tornando-se um fomentador de contrariedades. Não é preciso salientar o que essa forma de obsessão, aliás comuníssima, representa para os seres humanos. Traíçoeiramente, ela vai penetrando, com lentidão, no subconsciente, até tomar conta da pessoa. Esta, não se apercebendo do envolvimento de que está sendo vítima, não reage, não se opõe, não dá importância ao mal que, por força do hábito, acaba por tornar-se-lhe agradável, facilitando o domínio dos obsessores, que passam a ser mais atuantes, mais violentos e difíceis de afastar.

Todo cuidado é pouco, e só o conhecimento de como se processa a evolução espiritual assegura ao indivíduo as condições e os meios de defender-se da obsessão.

As atrações apaixonantes são as mais perigosas, pelo prazer e pelo impulso convidativo com que impelem as vítimas para as suas cariciosas redes. Até os esclarecidos primários rolam, às vezes, por esse despenhadeiro.

Por outro lado, há momentos na vida em que os abalos morais, alguns de grande intensidade, sacodem impiedosamente a alma humana. A esta, porém, não faltam forças para reagir e dominar a situação, principalmente, quando se apoia no conhecimento espiritual. Esse conhecimento é seu escudo mais forte, porque, quando bem manejado, leva sempre ao triunfo. Por isso, ninguém se deve deixar abater.

Quantas e quantas vezes, o falecimento de um ente querido, fato natural na vida, conduz o ser ao inconformismo, à aflição e ao desespero! Com isso, o espírito desencarnado, inconsciente do seu estado, se aflige, sofre, procura intuir o encarnado para acalmá-lo e, como não o consegue, acaba por tornar-se obsessivo, perturbando e levando à obsessão o intuído.

O melhor procedimento das pessoas que ficam para com as que partem é elevar o pensamento às Forças Superiores, com firmeza e convicção, envolvendo seus espíritos na ternura e no calor da irradiação amiga, para auxiliá-los a romper a atmosfera fluídica da Terra e a seguir para os mundos de estágio espiritual a que fazem jus.

Parte da humanidade é vítima da obsessão, exatamente por desconhecer os recursos que tem ao seu alcance para evitá-la ou livrar-se dela. Em razão desse desconhecimento, empenha-se o Racionalismo Cristão em oferecer ao leitor um roteiro seguro para uma vida sadia e evolutiva.

Alguns sintomas, quando ocorrem com frequência, podem indicar um estado inicial de obsessão:

1. dar risadas sem motivo ou a pretexto de coisas fúteis;
2. chorar sem razão;
3. comer exageradamente;

4. estar sempre com sono;
5. sentir prazer na ociosidade;
6. ter ideias fixas;
7. exteriorizar manias;
8. gesticular e falar sozinho;
9. ouvir e ver coisas fantásticas;
10. viver num mundo distante, sonhadoramente;
11. demonstrar fanatismo;
12. deixar-se dominar por paixões;
13. ter explosões temperamentais;
14. ter prevenções descabidas;
15. ter cacoetes;
16. repetir, mecanicamente, as mesmas expressões;
17. expressar-se licenciosamente;
18. usar palavrões;
19. mistificar, enganar;
20. dizer mentiras;
21. revelar covardia;
22. adotar práticas viciosas;
23. gostar de ostentação;
24. gastar acima do que pode;
25. provocar ou alimentar discussões;
26. ser implicante;
27. ser importuno;
28. aborrecer o próximo;
29. ser carrancudo ou mal-humorado;
30. fazer gracinhas tolas;
31. descuidar-se das obrigações no trabalho; e
32. eximir-se dos deveres familiares.

Qualquer dessas atitudes predispõe à obsessão, mesmo quando não constitua um estado de anormalidade mental.

Não é demais insistir neste ponto: a linguagem dos espíritos

desencarnados é o pensamento. Pelo pensamento, identificam os sentimentos das pessoas, suas intenções e tendências, e disso se prevalecem os obsessores para estimular, pela intuição, os vícios e as fraquezas humanas. Assim sendo, por higiene mental, não se devem ligar mentalmente a intrigantes, caluniadores, desafetos e seres de maus sentimentos em geral. Pensar neles é ligar-se à sua má assistência espiritual, receber influências malignas e correr o risco de avassalamento.

Capítulo 12

Desobsessão

A desobsessão é conseguida, com melhores resultados, nas correntes fluídicas organizadas pelo Astral Superior nas reuniões públicas de limpeza psíquica e de esclarecimento espiritual realizadas nas casas racionalistas cristãs.

Os obsessados ficam em cadeiras adequadas, sentados um de cada lado à mesa dos trabalhos espiritualistas, assistidos por dois auxiliares, incumbidos de aplicar as disciplinas recomendadas nesses casos, dentre elas a do sacudimento, cuja finalidade é o arrebatamento do espírito obsessor pelo Astral Superior.

Concentrados e confiantes, os demais auxiliares sentados à mesa irradiam às Forças Superiores, para melhor fortalecer a corrente fluídica e facilitar a ação desobsessora. Enquanto isso, a reunião pública prossegue com serenidade e segurança. Depois que o obsessor é arrebatado, o obsessado se acalma, sentindo profundo abatimento em virtude da perda de energia que lhe foi sugada pelo obsessor.

O obsessado, porém, ainda não está recuperado. A desorganização psíquica provocada pelo obsessor foi grande, e o equilíbrio, tanto mental quanto físico, precisa ser restaurado. Nesse estado de debilidade, se não puder contar em sua casa com pessoas que o assistam, aplicando-lhe a disciplina e a orientação recomenda-

das pelo Racionalismo Cristão, estará sujeito a atrair outro obsessor, dificultando ou impossibilitando sua normalização.

Os pensamentos afins são sempre o ímã de atração entre obsessores e obsessados. Os obsessores escolhem suas vítimas de acordo com a afinidade que por elas sentem ou com os sentimentos que os animam em relação a elas.

É oportuno lembrar que os espíritos do astral inferior conservam os mesmos costumes e vícios que tinham quando encarnados. Assim, para alimentarem as exigências do seu eu materializado, que intensamente sentem, envolvem as pessoas com as quais têm afinidade, e que as possam satisfazer, ainda que ilusoriamente.

Há os que em vida física foram dependentes de hábitos viciosos, como, por exemplo, do álcool, do fumo, das drogas, do jogo, todos empenhados em manter seus intemperados desejos. As vibrações harmônicas do obsessor e do obsessado ajustam-se e se encaixam de tal maneira uma na outra que se torna difícil a separação.

Tais particularidades não podem ser esquecidas na recuperação do obsessado. Nesse período, nos locais em que haja uma casa racionalista cristã, é de fundamental importância que, acompanhado de um responsável, ele frequente regularmente as reuniões públicas. Ouvindo as doutrinações do Astral Superior e as explanações do presidente da reunião, não obstante o seu estado ainda de perturbação, alguma coisa do que escuta fica gravada na sua mente, produzindo efeitos benéficos. O responsável também adquire, por esse meio, conhecimentos que o habilitam a continuar o processo de desobsessão no lar.

A desobsessão de um ser rancoroso e vingativo é sempre problemática porque torna o obsessado um associado dos espíritos do astral inferior. Em tais casos, se o livre-arbítrio do obsessado continuar a ser empregado para o mal, a desobsessão dificilmente será conseguida. O êxito da fase de recuperação é mais demorado

para ser alcançado, por depender da reeducação do pensamento, da vontade e da reação contra novas obsessões. Os vícios ficam tão arraigados na pessoa que ela só os deixa a muito custo. Sob a influência da recuperadora disciplina racionalista cristã, começa a raciocinar e a dominar os vícios próprios e aqueles que foram desenvolvidos pelos obsessores, e, quando se lhe tornar fácil esse domínio, não mais se deixará obsedar.

A normalização de crianças é conseguida através da desobsessão e do esclarecimento espiritual dos pais e das demais pessoas com quem elas convivem, frequentando todos, assiduamente, as casas racionalistas cristãs nos locais onde houver, ou fazendo a limpeza psíquica no lar diariamente, conforme a disciplina recomendada pelo Racionalismo Cristão.

As crianças também se normalizam com a mudança de ambiente, quando são retiradas do meio onde agem os espíritos do astral inferior – atraídos pelos vícios e maus pensamentos dos adultos – para outro local em que o viver ameno seja pautado pelos princípios que este livro explana.

Capítulo 13

Valor

O valor, que todos possuem em maior ou menor dimensão, é um dos ângulos marcantes da personalidade humana.

Quanto mais o caráter se consolida no rigor do trabalho cotidiano e na luta voltada para a prática do bem, mais o ser humano sente a necessidade de pôr à prova o seu valor, a fim de que os resultados correspondam aos esforços empregados. Sempre que alguém, ao definir-se por uma conduta, tiver de apelar ao próprio valor e dele se socorrer para traçar a diretriz a seguir, ganha o seu acervo mais um reforço, mais um estímulo, mais uma parcela de enriquecimento. Não há quem não tenha a oportunidade de externá-lo, a cada passo, por algum feito, por repousar nele o verdadeiro bem-estar íntimo que satisfaz a consciência, alegra o semblante e, como recompensa maior, transmite à pessoa o agradável sentimento do dever cumprido.

O exercício fortalece e revigora os atributos e as faculdades do espírito. Ele é tão necessário à mente, quanto ao corpo. O exercício da mente consiste na prática habitual de atos e pensamentos de valor, que precisam ser estimulados desde a infância. Esses atos e pensamentos podem ser revelados no lar, quando o adolescente assume a responsabilidade das suas faltas, quando se solidariza com as dificuldades e sofrimentos dos pais e irmãos,

quando é capaz de um gesto de desprendimento e renúncia em favor do próximo.

Os atos de valor revelam-se também na escola, quando o estudante sabe ganhar e perder nas atividades esportivas, quando procede com dignidade no estudo e nos exames, quando reconhece os esforços dos pais e tudo faz para tornar-se merecedor do sacrifício deles. Exercitados pelo adolescente esses altos atributos espirituais, entrará ele na segunda fase da juventude com um preparo moral em que se refletirão, nitidamente, os traços de valor de que é dotado. Isso o habilitará a resistir às tentações próprias da idade, a viver com método e disciplina, a encarar o trabalho como um bem necessário ao progresso, dispensando ao semelhante o mesmo respeito que exige para si.

Na idade madura, em que o espírito conserva o precioso tesouro representado pelos ensinamentos colhidos na adolescência e na juventude, o ser humano precisa contar com esse bom cabedal, para não ser influenciado pelos erros e vícios que se encontram no meio ambiente.

Atitudes corretas, acima de tudo desassombradas, quando preciso arrojadas, se o momento o exigir – mas sempre serenas e tranquilas, ponderadas e justas, inflexíveis e retas – eis a característica principal do notável atributo que é o valor.

Quem vive sob os ditames da honra e do dever, quem molda os hábitos e costumes com a argamassa do amor ao próximo e se mantém constantemente sob o dinâmico estímulo das vibrações do bem, cria em volta de si uma barreira fluídica impenetrável às arremetidas do mal.

O valor da pessoa principia onde começa o domínio de si mesma. A qualidade essencial, necessária ao desenvolvimento do valor, consiste em ela saber controlar os pensamentos e subjugar os ímpetos e as inclinações reprováveis, para que o raciocínio possa apontar-lhe as melhores soluções. Se tiver de exercer cargos de direção, precisa dar exemplos de serenidade, de coragem e de hon-

ra, contendo-se diante dos quadros emotivos que a vida oferece, para não se descontrolar nem causar prejuízo aos colaboradores.

Os atos de justiça são praticados, em regra, quando a pessoa procede com imparcialidade e interesse pela verdade. Por isso, ser justo, valoroso e honrado deve constituir a mais séria aspiração do ser humano. Mas, entenda-se: ninguém pode ser justo sem ser tolerante e moderado, sem compreender a vida na sua complexidade, na sua feição espiritual e conteúdo realista.

A compreensão clara e verdadeira da vida habilita o ser humano a acelerar o desenvolvimento e a apuração de suas qualidades, para diminuir o número de encarnações neste mundo-escola, onde o desconhecimento da vida espiritual gerou o materialismo em que parte da humanidade se afunda e, com ele, a degradação moral infiltrada em todas as camadas sociais. Essa compreensão lhe proporciona um sentimento prático de renúncia às coisas terrenas, pela certeza da transitoriedade da sua permanência neste planeta e de que são de uso provisório as riquezas materiais, com as quais somente poderá conseguir alguns objetivos de limitado alcance.

O senso de renúncia, de desprendimento, de abnegação, de sacrifício e de solidariedade humana é resultado de uma superior compreensão da vida, que aproxima fraternalmente os seres uns dos outros. Não se confunda, porém, o elevado sentimento espiritual da renúncia com o desinteresse pelas coisas, originado nos desenganos e nas decepções que fazem de certos indivíduos seres apáticos, céticos, solitários, boêmios, exóticos, fanáticos.

A pessoa esclarecida, e por isso mesmo forte, não se deixa abater por decepções ou desenganos. Compreende as causas das fraquezas e da maldade dos semelhantes, não confia em perfeições, que sabe não existirem, e aceita os acontecimentos com racional entendimento. Verdadeira, leal, honesta e equilibrada, ela não se esquece, nos momentos difíceis da vida, de que sua integridade moral deve pairar acima de todos os interesses, e não

teme que sua posição inflexível a desvie do cumprimento do dever e da prática do bem.

O mal – tenha o leitor sempre em mente – jamais prevalecerá sobre o bem. O mal age transitoriamente, num período de tempo que marca sua própria destruição. Todos os maus atos danificam gravemente o caráter de quem os pratica, e deixam na personalidade marcas difíceis de apagar. Fortalecer, pois, os atributos de valor, para resistir aos procedimentos indignos, é uma necessidade imperiosa e inabalável.

Não são poucos os egoístas e inescrupulosos que, com falsas aparências, vivem a enganar o próximo, procurando tirar proveito de todas as situações. Indiferentes à desgraça alheia, só se comprazem com a satisfação dos seus interesses, por mais vis que sejam. Com esse desprezível procedimento, entretanto, cavam, sem se aperceber, o próprio abismo, para cujo fundo estão caminhando e do qual somente poderão sair à custa de indizíveis sofrimentos.

Os gestos de grandeza espiritual, em que reluzem os índices testificadores do valor, são os que mais enobrecem as pessoas e lhes proporcionam a almejada felicidade.

Nenhum ser consciente poderá preferir a ação negativa à positiva, o nada ao todo, o atraso ao progresso, a dúvida à certeza, o fracasso ao êxito, o medo à coragem, a escuridão à luz.

Os que fazem a troca do belo pelo horrendo, no simbolismo dessas comparações, põem de lado o bom senso e estão ao sabor de uma consciência apática, inteiramente deformada na apreciação dos valores autênticos. Em todas as suas obras, o Racionalismo Cristão propugna pela transformação desse lamentável estado de consciência da humanidade, em parte motivado por sua entrega a um obscurantismo que entorpece o entendimento do processo evolucionário da vida e dos deveres espirituais do ser humano.

As ações boas ou más acarretam para o seu agente, como consequência, por força das leis naturais que regem o Universo,

um resultado que corresponde, invariavelmente, à natureza dos pensamentos que as geraram.

Enganam-se, portanto, aqueles que pensam poder escapar aos efeitos dos seus atos através do perdão ou de outros expedientes. Não existem perdões no plano espiritual. Urge, então, raciocinar para bem viver. É necessário proceder com independência, valendo-se, cada qual, dos próprios recursos morais e espirituais de que dispuser. Quem fizer o mal terá que resgatá-lo, inapelavelmente, mais cedo ou mais tarde. Somente os atos de valor engrandecem a personalidade e enobrecem o caráter. Quem os pratica torna-se colaborador eficaz na obra de espiritualização da humanidade.

Capítulo 14

Caráter

O caráter do ser humano é representado pela soma das suas qualidades morais, em que se destacam as virtudes e o conjunto de valores espirituais conquistados paulatinamente no decorrer de múltiplas existências. Esse valioso atributo expressa o nível de espiritualidade da pessoa, que pode ser aferido pela firmeza e retidão com que procede em seus atos cotidianos.

Mais do que pela honestidade da conduta nas transações comerciais ou no exercício de qualquer função, o caráter se revela pela intransigente repulsa à covardia, à intriga, à inveja, às atitudes dúbias, à prevaricação, à deslealdade, aos movimentos traiçoeiros, enfim, a todas as ações indignas.

Nem sempre o indivíduo culto possui o melhor caráter, pois alguns deles fazem da cultura um instrumento de esperteza. Não se pode negar, entretanto, a vantagem, e mais do que a vantagem, a necessidade da instrução e da cultura, por oferecerem uma larga contribuição ao desenvolvimento da inteligência e da capacidade de raciocinar – meio pelo qual a pessoa analisa, confronta, deduz e conclui, para poder chegar aos melhores resultados.

Em qualquer setor da atividade – e não apenas nas lides literárias e científicas – o ser humano pode exercitar-se no desenvolvimento da inteligência: na indústria, no comércio, na agricultura,

nas escolas, no lar. Qualquer ambiente de trabalho honrado lhe oferece constantes oportunidades para o aprimoramento do caráter, sempre obedecendo a uma progressão normal em que não cabem transformações radicais nem regenerações sumárias. Jamais, entretanto, se poderá operar sem esforço, boa vontade e, acima de tudo, sem a consciência esclarecida, aliada à noção do dever e ao interesse em cumpri-lo.

O caráter constitui-se em um dos mais ricos e preciosos bens do espírito. A sua conquista, porém, não é fácil. Ao contrário, requer prolongados períodos de meditação em numerosas existências, ao longo das quais as observações e conclusões vão amadurecendo sob a árdua prova da experiência.

Só depois de incontáveis desenganos e de sofrer muitas injustiças e ingratidões é que a pessoa mede, no íntimo da sua natureza espiritual, a extensão das imperfeições humanas contra as quais passa a se insurgir. Assim, de repugnância em repugnância às mazelas morais, ela vai-se libertando das ações inferiores para colocar-se, por convicção haurida do esclarecimento, nas linhas rígidas de uma conduta modelar.

Assim sendo, pais e professores que estiverem em condições de transmitir a filhos e discípulos – no tocante à retidão do caráter – a linguagem viva e altissonante do exemplo exercerão sobre eles excepcional influência, que se traduzirá em confiança, respeito e admiração.

Não há exagero na afirmação de que o mundo carece, cada vez mais, de pais e professores competentes e responsáveis, pois os que o são possuem nas mãos prodigiosos instrumentos de lapidação, com os quais muito contribuem para o aperfeiçoamento do caráter dos que estão aos seus cuidados.

A tarefa do professor não se deve limitar à instrução pedagógica dos alunos. A escola, por complementar o lar, impõe aos mestres o irrecusável dever de levar conceitos remodeladores aos discípulos, capazes de torná-los bons cidadãos.

Se a ação dos professores é altamente meritória no aperfeiçoamento do caráter dos discentes, de maior relevo é, ainda, a dos pais, a quem compete o inescusável dever de observar as linhas gerais do caráter dos filhos, quando pequeninos, por ser essa a fase em que a correção oferece melhores resultados.

O critério, a equidade, o bom senso, a pontualidade, a lealdade, a harmonia, a coragem, a retidão, o bom humor, a dignidade, a gratidão, a polidez, a fidelidade, o comedimento, a veracidade, o respeito próprio e pelo semelhante, bem como o zelo são virtudes que moldam e enriquecem o caráter, para as quais se volta o ser humano desejoso de conquistá-las.

Na definição das linhas do caráter, todos deverão considerar o meio-termo, a posição equidistante dos extremos, em que o equilíbrio se estabelece e refulgem as qualidades, os ideais construtivos, que engrandecem o espírito, fazendo-o crescer na escala ascendente da evolução.

O medo e a temeridade são dois extremos, em cujo ponto médio está a coragem – virtude componente da fisionomia do caráter. Ainda em posições extremas situam-se o perdulário e o avarento, mas o comedido fica no centro, que representa a posição ideal para os seres de caráter bem formado. Também a malquerença e a adoração localizam-se em pontos extremos, mas a amizade e a virtude têm lugar destacado no centro. Tanto a malquerença como a adoração criam situações condenáveis: enquanto a malquerença desperta o sentimento de aversão, de ódio e vingança, com os mais perniciosos efeitos para o agente, a adoração conduz ao temor, à humildade subserviente e subalterna, à subjugação das iniciativas, à alienação da vontade, à falta de confiança do indivíduo em si mesmo, sempre em desprestígio pessoal e em flagrante anulação do seu próprio valor. Em ambos os sentimentos, aqui apenas citados como exemplo, a evolução se retarda.

Trabalhar para aperfeiçoar, cada vez mais, o caráter, um grande e incomparável atributo, significa gerar riqueza espiritual de

inexcedível valor. Os bens materiais, já se fez ver, ficam na Terra. Os espirituais, não. Estes nunca se separam de quem os sabe acumular. E a melhor fortuna a que o ser humano pode aspirar é a que se forma através de ações nobilitantes que refletem sempre a grandeza do caráter.

Capítulo 15

Família e educação de filhos

As sociedades bem constituídas têm como base a família. Quando as famílias se distinguem pelo cultivo das superiores qualidades do espírito, sua contribuição para elevar os índices de aprimoramento das coletividades é relevantíssima.

Assim como a força de coesão mantém unidas as células do corpo humano, também as famílias necessitam ligar-se umas às outras como células de um todo, e compor uma sociedade homogênea, progressista e pacífica, inclinada ao desenvolvimento das mais significativas virtudes. Essa união só poderá resultar da afinidade de sentimentos elevados, das nobres aspirações alimentadas, da solidariedade nos atos de aperfeiçoamento e na conjugação dos esforços empregados em benefício de todos. Quanto maior for o número de núcleos familiares a desenvolver entre si essa harmonia tanto mais altos serão os índices de moralidade e honradez no meio ambiente.

O comportamento da coletividade, refletindo o estado da maioria dos seus componentes, representa o nível médio do aperfeiçoamento de um povo, revelando sua capacidade produtiva e realizadora, tanto no campo material como no espiritual. Nessas condições, cresce de importância a constituição da família, atra-

vés do verdadeiro entrelaçamento espiritual e material dos cônjuges para as responsabilidades do lar e a perpetuação da espécie.

Aos que se casam é indispensável a compreensão de que os deveres e direitos de cada cônjuge são iguais e complementares na estruturação da família. É na associação de interesses voltados para o mesmo fim, sentidos com inteligência e realizados com dedicação, que se formam e consolidam os laços espirituais que unem o casal. Então, ao constituir família, os cônjuges devem estar decididos a honrá-la e a dignificá-la. Cometem grave erro se, por ação ou omissão, contribuem para a ruína do lar e o desmoronamento da família.

As coletividades, de que se formam as nações, serão grandes e respeitadas sempre que os fundamentos de sua constituição moral, representados pelos elos espirituais que ligam as famílias umas às outras, possuírem um liame suficientemente forte para repelir as influências perturbadoras produzidas pelas vibrações da egolatria, da corrupção, do sensualismo desenfreado e da imoralidade.

Sendo o núcleo em que devem ser exercitadas as virtudes do afeto, da lealdade, da fidelidade, da tolerância, do desprendimento, da renúncia, do respeito e da comunhão de sentimentos, o lar é uma escola de aperfeiçoamento espiritual e um campo de desenvolvimento psíquico. Como os erros são fáceis de cometer e difíceis de reparar, impõe-se, para evitá-los, permanente vigilância.

Entre os cônjuges precisa haver absoluta confiança. Para isso, é necessário que ajam sempre com franqueza. Nenhum ato deve praticar de que se possam envergonhar intimamente e que se preocupem em esconder. Embora grandes, as responsabilidades que pesam sobre um casal não são maiores do que a sua capacidade de suportá-las.

A vida no lar será muito mais feliz se cada cônjuge fizer jus à confiança irrestrita e ao apoio moral do outro. A fidelidade e o

cumprimento do dever perante a família dignificam o caráter e refletem a conduta traçada no plano espiritual para uma existência. Pensamentos honestos e força de vontade são recursos poderosos que devem usar para proteger-se das investidas de espíritos do astral inferior que tentam envolvê-los nos fluidos perniciosos de suas correntes, tão logo percebam a afinidade de um sentimento inclinado à prevaricação.

A mulher e o homem se completam no lar como duas medidas de compensação, sendo necessário que haja esforço permanente para desempenharem bem o seu papel. Unidos, irão cumprir a árdua e dignificante tarefa; distanciados, semearão discórdia e desentendimento, e a obra ficará por fazer. Assim, os que se unem pelo casamento têm o dever de auxiliar-se mutuamente, sob a influência das vibrações harmônicas do entendimento e da compreensão.

Uma das mais nobres e elevadas missões dos casais é a educação dos filhos. Na obra de edificação espiritual da humanidade desempenha ela um papel da maior relevância, no cumprimento da qual precisam esforçar-se por orientar os filhos nos moldes de uma conduta moral impregnada de virtudes.

As crianças possuem subconsciente amoldável, o que as torna sensíveis a receber a influência da orientação que lhes for ministrada – educação que deve ser pautada nos princípios de honestidade, de amor ao trabalho e à verdade – para se tornarem, no futuro, bons cidadãos.

Aos componentes de um lar jamais deverão faltar a serenidade e o bom humor, cujo cultivo é da maior necessidade. Inconciliável com o pessimismo, o bom humor abre caminho ao triunfo, já que desarma os pensamentos derrotistas e os receios infundados, afastando o nervosismo. A pessoa bem-humorada reflete alegria no semblante, confiança em si mesma e dispõe do essencial para gozar boa saúde.

O lar exige dos seus integrantes desprendimento e tolerância, para haver entre eles harmonia e entendimento, e não se enfra-

quecerem os laços de amizade que os devem unir cada vez mais solidamente.

Tenha-se sempre em vista que todos são imperfeitos, suscetíveis de incorrerem em erros. Assim sendo, possíveis falhas não devem ser encaradas com indignação ou revolta, mas com calma e compreensão, para o que é necessário dominar o temperamento impulsivo, violento ou intempestivo.

O temperamento do casal pode diferir do homem para a mulher, como difere o dos filhos de uns para com os outros. Essa diferença é perfeitamente compreensível desde que se levem em conta as diversas classes espirituais existentes nos membros de uma mesma família. Uma das grandes virtudes humanas consiste em saber respeitar o ponto de vista alheio, e jamais perder o hábito da polidez.

Os pais, verdadeiramente cônscios dos deveres familiares, não são os que se limitam a procriar, mas os que medem e pesam as responsabilidades decorrentes da paternidade e da maternidade, e se preparam para cumprir, de forma consciente, os compromissos que essa condição impõe.

A autoridade moral dos pais tem como fundamentos mais importantes os atos e os exemplos da sua vida, e essa autoridade será maior ou menor consoante a lisura, a sensatez e a honestidade do seu procedimento.

Os filhos, por sua vez, precisam ouvir os ponderados conselhos maternos e paternos, para se premunirem contra os riscos e perigos a que vão ficar sujeitos no curso da vida.

Um velho e sábio aforismo ensina que ninguém pode dar o que não possui. Para tanto, pais e mães precisam estar preparados para ministrar aos filhos uma educação à altura das exigências da vida espiritual e material.

As crianças possuem um imenso poder de assimilação, gravam no subconsciente, indelevelmente, o que veem os adultos fazer, e procuram imitá-los. Por isso, não é possível dissociar o

lar da escola – que ele também é acima de tudo – na qual os pais, que são os mestres, estão continuamente a ministrar aos alunos – os filhos – lições e exemplos de disciplina, ordem, honradez, dignidade, coragem, lealdade e sinceridade, entre outros valores.

O trabalho de educar inicia-se no berço. Já cedo, a criança começa a manifestar inclinações e tendências que precisam receber estímulos quando boas, e, correção educativa, sempre que se revelarem desarrazoadas e inconvenientes.

As responsabilidades do casal são imensas, exigindo da mulher e do marido, para a educação dos filhos, além de vigilância permanente, todo o valor, sacrifício e espírito de renúncia de que forem capazes. Essa educação deverá ocupar o primeiro plano no interesse dos pais, e de ministrá-la não deverão eles nunca prescindir.

Recomenda-se que os pais não atemorizem os filhos com gritos e ameaças, mas procedam com calma, compreensão e entendimento para conquistar-lhes a confiança, a amizade e o respeito. Ao castigo físico – uma violência familiar inaceitável – os pais deverão preferir a supressão de regalias, por determinado espaço de tempo. A censura diante de estranhos é de todo inconveniente, por humilhar a criança e o jovem, e ferir-lhes a sensibilidade.

Um bom processo educativo consiste em pai e mãe conversarem frequentemente com os filhos, aproveitando esses momentos para comentar as falhas que tenham observado e auxiliá-los a corrigir-se, indicando-lhes o que precisam fazer. Para que haja consenso nessas orientações educativas transmitidas aos filhos, o casal deve se entender previamente, a fim de evitar opiniões conflitantes que podem confundir e desorientar os jovens.

No fundo da alma, os filhos, ainda que não o demonstrem, são sempre gratos aos pais, quando sentem o interesse que têm pelo seu futuro. Toda ação educativa deve ter como finalidade e fonte de inspiração o desejo sincero dos pais de fortalecer a personalidade e o caráter dos filhos.

O modo de proceder de muitos pais, descarregando sobre os filhos a raiva de que se achem possuídos e fazendo deles a válvula de escape do seu nervosismo, mau humor e frustrações não é, apenas, uma atitude errada, mas um comportamento criminoso, por contribuir para que eles os vejam como uns brutos e se tornem falsos e dissimulados, passando a esconder as ações que antes praticavam na presença dos pais, a fim de fugirem à repreensão.

Os conselhos do pai e da mãe precisam ser ministrados sempre que se fizerem necessários e oportunos. A vigilância atenta e permanente, com a finalidade de descobrir as falhas de caráter que forem sendo reveladas, apontará o momento adequado.

Falta de respeito, descortesia, desordem, desmazelo, mentira, intriga, fingimento, cinismo, maldade, delação, deslealdade, covardia e vaidade são indícios denunciadores de falhas no caráter de crianças e jovens, exigindo dos pais uma ação cuidadosa, através de admoestações educativas, que deverão ser ministradas com amor e interesse, em considerações claras, objetivas e incisivas.

Na educação dos filhos precisam imperar sempre – e acima de tudo – a sinceridade, a lealdade, a justiça e a verdade. A curiosidade natural dos pequenos seres deve ser satisfeita, nunca por meio de artificiosas mentiras convencionais, sempre desabonadoras, mas com explicações racionais e convincentes, ao alcance do intelecto infantil e do juvenil.

Na obra da natureza nada existe de feio ou vergonhoso, quando os limites das leis naturais são respeitados. Aos pais que se dispuserem a raciocinar e a fazer bom uso da inteligência, não faltarão recursos de linguagem para transmitir aos filhos uma ideia sã, referentes a funções da existência terrena, como as relacionadas com a sexualidade, as infecções epidêmicas, as drogas, o tabagismo, o alcoolismo e demais vícios.

Os filhos precisam ser habituados a confiar nos pais para que estes possam orientá-los, esclarecê-los e ajudá-los a buscar solu-

ção para os seus problemas. Essa confiança, porém, deixará de existir, se os genitores não tiverem moralidade, decência, comedido, sensatez, brio, coerência e conduta exemplar, ou seja, se não procederem como desejam que os filhos procedam.

Controle e vigilância discretos são duas práticas que se devem fazer sempre presentes na ação educativa ministrada pelos pais. “Dize-me com quem andas e te direi quem és”, eis o que um velho provérbio previne. As más companhias são sempre prejudiciais, e a tendência para o mal é uma realidade, tanto mais que para ela concorrem a influência sempre daninha do astral inferior e os erros acumulados em existências passadas.

Não têm conta os desvios que se verificam por influência das más companhias, das liberdades excessivas, das contemporizações acima do razoável e das facilidades e concessões aparentemente inofensivas.

Meninos e meninas, moços e moças devem procurar no lar, e não fora dele, o aconchego conselheiro, o ambiente ameno e confortador, o refúgio contra as tentações e os perigos.

Embora as transformações radicais não sejam possíveis, nem mesmo no próprio convívio do lar, nele, entretanto, podem ser alcançadas grandes conquistas para o aperfeiçoamento da personalidade. Mas, quando isso não puder ser conseguido, devido à rebeldia temperamental de certos jovens, qualquer melhoramento deverá ser motivo de regozijo, porque essa conquista, por diminuta que pareça, tem sempre o seu valor.

Por corresponder a uma ação construtiva cujos resultados se multiplicam, de geração em geração, nunca serão demasiados os esforços despendidos pelos pais na educação dos filhos, que deverá ser fundamentada, invariavelmente, nesta importante trilogia: trabalho, honradez e disciplina.

A remodelação da humanidade começa pela remodelação dos costumes da família. Daí a necessidade de serem elevados, sempre e sempre, os índices de respeitabilidade nos lares, para que as

nações possam ter uma direção à altura do seu desenvolvimento espiritual e da sua consciência moral. O bem-estar e a felicidade de um povo facilmente se aferem pelos sentimentos que o prendem ao lar e à família.

SÍNTESE DOS PRINCÍPIOS RACIONALISTAS CRISTÃOS

Uma vez reconhecida a importância do pensamento como poderosa força de atração tanto do bem quanto do mal, deve o ser humano, em seu benefício e no daqueles com quem convive, nortear a sua vida de modo a pôr em prática os conhecimentos adquiridos.

Para isso precisa adotar, como regras normativas de conduta, os princípios racionalistas cristãos que melhor se ajustem às ocasiões, para obter êxito em seus empreendimentos e ter boa assistência espiritual.

Alguns desses princípios podem ser assim resumidos:

1. fortalecer a vontade para a prática do bem;
2. repelir os maus pensamentos;
3. cultivar pensamentos elevados em favor do semelhante;
4. não desejar para os outros o que não quer para si;
5. estender o seu auxílio a quem dele necessitar, quando os meios e a oportunidade o permitirem, mas não contribuir para sustentar a ociosidade e os vícios de quem quer que seja;
6. ter consideração pelo ponto de vista alheio, principalmente quando manifestado com sinceridade;
7. não se ligar pelo pensamento a pessoas maldosas, perturbadas e inconvenientes;

8. combater a maledicência;
9. eliminar do hábito comum a discussão acalorada;
10. conservar em plena forma a higiene mental e física;
11. exercer o poder da vontade contra a irritação;
12. manter o equilíbrio das emoções na análise dos fatos, para não afetar a serenidade necessária;
13. adotar, como norma disciplinar, o hábito sadio de somente tomar decisões que se inspirem no firme propósito de fazer o bem, agindo, para isso, com ponderação, serenidade e valor;
14. conduzir-se respeitosamente na linguagem e nas atitudes;
15. não descuidar da polidez e da pontualidade, por serem reflexos da boa educação;
16. promover por todos os meios a longevidade, em atenção ao princípio de que a saúde do corpo depende do bom estado da alma;
17. cultivar permanentemente o bom humor, por meio do qual as células orgânicas recebem influências salutares;
18. usar de comedimento no falar, vestir, trabalhar, dormir, alimentar e recrear;
19. dedicar-se integralmente à segurança e à estabilidade do lar; e
20. apurar ao máximo o sentimento fraternal da amizade para com as pessoas de bem, com a finalidade de intensificar a corrente harmônica afim do planeta, em benefício comum.

Como duas são as correntes que envolvem a Terra – uma do bem e outra do mal – o ser humano terá que vibrar em harmonia com uma ou outra, não podendo ficar neutro. É lógico e sensato que se muna dos preciosos requisitos que o mantenham ligado à corrente do bem.

CONCLUSÃO

A mente humana, que tanto se desenvolve com o exercício constante do raciocínio, muito mais poderá expandir-se a partir do momento em que uma parcela maior da humanidade despertar para o estudo e a reflexão sobre os fatos transcendentais da vida.

Após o leitor ter-se detido na análise profunda do conteúdo desta obra e tirado suas próprias conclusões, fruto, naturalmente, de considerações feitas através da razão, esperamos que essa análise o tenha despertado para a importância da espiritualidade em seu viver terreno ou que os conhecimentos aqui explanados tenham ido ao encontro de sua forma de pensar e agir quanto aos porquês da vida.

Se os objetivos do Racionalismo Cristão, com a edição deste livro, foram atingidos, permita-nos convidá-lo a se aprofundar no estudo do tema, através da leitura de outras obras editadas pela Doutrina, que desdobram e consubstanciam o assunto, e também praticar a disciplina nelas recomendada, que consiste num viver consciente, equilibrado e harmônico.

O Racionalismo Cristão estimula o leitor a acreditar em si mesmo, a confiar na ação da sua vontade e na força prodigiosa e imensurável do seu pensamento. Convicto dos princípios

racionalistas cristãos, ao colocá-los em prática irá desenvolver a capacidade criadora com relativa facilidade, e com que esplêndido material poderá contar para o aprimoramento dos atributos morais e de uma personalidade reta, conscienciosa, indobrável e vigorosa!

Somente o conhecimento da vida espiritual e da origem comum de todos os seres dará à humanidade condição de vislumbrar novos horizontes na Terra, através dos quais encontrará os caminhos que a levarão à sonhada paz e fraternidade entre os povos.

LIVROS EDITADOS PELO RACIONALISMO CRISTÃO

Obras essenciais da Doutrina

RACIONALISMO CRISTÃO – 44ª edição

RACIONALISMO CRISTIANO – em espanhol

CHRISTIAN RATIONALISM – em inglês

HET CHRISTELIJK RATIONALISME – em holandês

RATIONALISME CHRÉTIEN – em francês

PRÁTICA DO RACIONALISMO CRISTÃO – 13ª edição. Dirigida aos militantes, em razão de fixar normas disciplinares a serem observadas nas casas racionalistas cristãs, inclui orientações de interesse dos estudiosos e pesquisadores da Doutrina.

A VIDA FORA DA MATÉRIA – 22ª edição. Texto e gravuras mostram e explicam a assistência do Astral Superior nas casas racionalistas cristãs; a ligação dos seres humanos às Forças Superiores e aos espíritos do astral inferior; a aura; os males

decorrentes das fraquezas e dos vícios; e os fenômenos conhecidos como visões e fatos sobrenaturais.

INCORPOREAL LIFE – o livro *A vida fora da matéria* em inglês.

Obras complementares

A CHAVE DA SABEDORIA – de Fernando Faria – 3ª edição. Em linguagem voltada para os jovens, aborda o Universo e a evolução do espírito.

A FELICIDADE EXISTE – de Luiz de Souza – 13ª edição. Desdobramentos dos princípios racionalistas cristãos, que ajudam a vencer os problemas da vida e a evitar os erros tão comuns que as pessoas cometem, em seu próprio prejuízo.

A MORTE NÃO INTERROMPE A VIDA – de Luiz de Souza – 10ª edição. O que chamamos morte marca a conclusão de uma jornada e o começo de outra, mas nunca o fim do que não termina: a vida espiritual.

AO ENCONTRO DE UMA NOVA ERA – de Luiz de Souza – 7ª edição. Valiosa contribuição aos estudiosos dos porquês da vida.

CARTAS DOUTRINÁRIAS, Volume 26 – de Antonio Cottas – 1ª edição. Desdobramentos dos princípios racionalistas cristãos através de respostas do consolidador da Doutrina a correspondências por ele recebidas na Casa-Chefe, registrando fatos do maior alcance sobre a vida do ser humano.

CIÊNCIA ESPÍRITA – de Antônio Pinheiro Guedes – 7ª edição. Importante contribuição para o estudo da espiritualidade.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DO RACIONALISMO CRISTÃO, Volume 1 – de Luiz de Mattos – 3ª edição. Primeiro de uma série, reúne artigos, pronunciamentos e doutrinações do codificador da Doutrina, abordando variados aspectos do viver humano.

COLEÇÃO ÓCULOS MÁGICOS – AS AVENTURAS DA FAMÍLIA MATTOS – de Wilson Carnevalli Filho e Marcos Rocha – Fascículo: *Conhecendo a Força e a Matéria*. Histórias ilustradas que permitem às crianças e aos jovens compreenderem o Racionalismo Cristão de forma divertida.

FOLHETO DE LIMPEZA PSÍQUICA – distribuído gratuitamente nas reuniões públicas de limpeza psíquica e esclarecimento espiritual realizadas nas casas racionalistas cristãs ou acessado através do site www.racionalismocristao.org, inclusive em áudio. Ensina como praticar a disciplina da limpeza psíquica no lar e obter através dela equilíbrio interior e tranquilidade espiritual.

COMO CHEGUEI À VERDADE – de Maria de Oliveira – 8ª edição. A autora descreve interessantes fenômenos ocorridos com ela.

LUIZ DE MATTOS: SUA VIDA, SUA OBRA – de Galdino Rodrigues de Andrade – 1ª edição. Biografia do codificador do Racionalismo Cristão, em homenagem ao sesquicentenário de seu nascimento.

NOÇÕES DE RACIONALISMO CRISTÃO – de João Baptista Cottas – 7ª edição. Tem como objetivo ajudar os leitores que iniciam o estudo da doutrina racionalista cristã.

PARA QUANDO OS REVESES CHEGAREM – de Fernando Faria – 3ª edição. O livro contém selecionados trechos de doutrinações do Astral Superior na Casa-Chefe do Racionalismo Cristão.

RACIONALISMO CRISTÃO E CIÊNCIA EXPERIMENTAL, Volumes 1 (2ªed.) e 2 (1ªed.) – de Glaci Ribeiro da Silva. Médica e pesquisadora, a autora mostra quanto a ciência experimental se beneficiará quando der a devida importância à vida psíquica.

RACIONALISMO CRISTÃO RESPONDE – de Fernando Faria – 7ª edição. Explica os princípios racionalistas cristãos em linguagem simples, na forma de perguntas e respostas.

REFLEXÕES SOBRE OS SENTIMENTOS – de Caruso Samel – 4ª edição. Desperta no leitor a compreensão do papel dos sentimentos no desenvolvimento do caráter, através do aprimoramento das virtudes.

RETROSPECTIVA DOUTRINÁRIA – de Ulysses Claudio Pereira – 3ª edição. Como doutrinador na Filial Santos, mostra a grandiosidade dos ensinamentos racionalistas cristãos em doutrinações do Astral Superior na Casa-Berço.

SABER VIVER – de Pompeu Cantarelli – 3ª edição. Coletânea de artigos de cunho moral e educativo, organizada pelo jornalista José Alves Martins.

VIBRAÇÕES DA INTELIGÊNCIA UNIVERSAL – de Luiz de Mattos – 10ª edição. Reúne escolhidas páginas literárias do codificador do Racionalismo Cristão, em seu estilo vibrante e inconfundível de grande jornalista e doutrinador.

